

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A DIFERENÇA DA COBERTURA ESPORTIVA DA
IMPrensa DO RIO E DE SÃO PAULO DURANTE A
PASSAGEM DO JOGADOR ADRIANO POR
FLAMENGO E CORINTHIANS**

CESAR AFONÇO RIBEIRO ABRANTES

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A DIFERENÇA DA COBERTURA ESPORTIVA DA
IMPrensa DO RIO E DE SÃO PAULO DURANTE A
PASSAGEM DO JOGADOR ADRIANO POR
FLAMENGO E CORINTHIANS**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

CESAR AFONÇO RIBEIRO ABRANTES

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A Diferença da Cobertura Esportiva da Imprensa do Rio e de São Paulo durante a passagem do jogador Adriano por Flamengo e Corinthians**, elaborada por Cesar Afonso Ribeiro Abrantes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Frederico Augusto Tavares Júnior
Pós-Doutor em Psicossociologia pelo Instituto de Psicologia – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Nilo Sérgio S. Gomes
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

ABRANTES, Cesar Afonso Ribeiro

A diferença da cobertura esportiva da imprensa do Rio e de São Paulo durante a passagem do jogador Adriano por Flamengo e Corinthians. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

ABRANTES, Cesar Afonso Ribeiro. A Diferença da Cobertura Esportiva da Imprensa do Rio e de São Paulo durante a passagem do jogador Adriano por Flamengo e Corinthians. Orientador: Gabriel Collares Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra as diferentes formas como jornalistas de veículos de comunicação do Rio de Janeiro e São Paulo realizam suas coberturas esportivas, analisando a passagem do jogador Adriano pelo Flamengo, em 2009, e Corinthians, em 2011. A partir da reflexão histórica sobre a imprensa esportiva será possível entender o comportamento dos profissionais que cobrem diariamente o futebol brasileiro. Para exemplificar isso, a pesquisa está pautada na análise de notícia de sites, jornais impressos e entrevista com jornalista que atuam na imprensa carioca e paulista.

ÍNDICE

1 – INTRODUÇÃO	1
2 – A HISTÓRIA DO FUTEBOL	3
2.1 – A resistência das elites	9
2.2 – A influência do Bangu Atlético Clube	9
2.3 – Vasco da Gama	10
2.4 – Futebol Paulista	12
3 – O FUTEBOL E A IMPRENSA ESPORTIVA	13
3.1 – Mudanças na imprensa esportiva	16
3.2 – Profissionalização	16
3.3 – Bairrismo	19
3.4 – Imprensa Carioca x Imprensa Paulista	23
4 – A HISTÓRIA DE ADRIANO	27
4.1 – O início na Seleção brasileira	28
4.2 – Relação com a imprensa	32
4.3 – Vida profissional x Vida pessoal	36
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6 – Referências Bibliográficas	47
7 – ANEXOS	41

1 – INTRODUÇÃO

Falar de futebol no Brasil não é tão fácil quanto se pensa. Para o brasileiro, o esporte tem um significado muito maior que um simples jogo de bola ou um divertimento, representa uma cultura que está presente no dia a dia da população. Do torcedor mais fanático até àquela pessoa que não se interessa, hoje em dia estão todos envolvidos de alguma forma com essa prática esportiva. O assunto futebolístico está presente em todos os lugares, seja no trabalho, na escola, no bar, no elevador, no taxi.

O futebol brasileiro rompeu barreiras, deixou de ser um esporte elitizado para se tornar o mais popular entre todos, transformou-se em um instrumento de integração nacional, uma verdadeira religião. Isso aumenta a pressão sobre o jornalista esportivo, já que qualquer coisa que ele falar ou escrever pode ganhar grandes proporções caso seja mal interpretado, principalmente quando vai contra o time do torcedor-leitor. Lidar com essa paixão nacional é o maior desafio da imprensa.

O objetivo deste trabalho é justamente entender o comportamento da imprensa diante desse sentimento do brasileiro em relação ao futebol e a razão para cobertura diferenciada realizada nas diferentes regiões do país, tendo como direcionamento os dois principais centros urbanos do país: Rio de Janeiro e São Paulo. A passagem do jogador Adriano por Flamengo, em 2009, e Corinthians, em 2011, foi escolhida como tema por transparecer bem as formas distintas do jornalismo carioca e paulista em analisar um fato esportivo.

O primeiro capítulo procura contextualizar a situação política, econômica e social vivida pelo país a partir do final do século XIX a fim de facilitar o entendimento do comportamento da imprensa em relação ao futebol. O início do esporte no Brasil foi marcado por uma elite excludente, que não tinha interesse que a prática esportiva chegasse até às classes mais baixas. O preconceito, tanto racial quanto social, predominava e pode ser considerado um dos maiores obstáculos para popularização do futebol. Além disso, os periódicos que circulavam naquele período se direcionavam principalmente as corridas de cavalo ou regatas do remo, esportes mais populares da época. As principais notícias em relação ao futebol estavam sempre ligadas às questões de bastidores dos jogos.

O tempo foi passando, o público começando a entender as regras e a partir daí começam a surgir os personagens que iniciam a mudança do futebol brasileiro. Necessitando de plantel, alguns clubes começam a dar espaço para jogadores das camadas sociais mais baixas, entre eles operários e negos. O vanguardista disso foi o Bangu Atlético

Clube, mas foi outro clube carioca que revolucionou ao ser campeão do campeonato carioca com jogadores negros em seu time. Em São Paulo, clubes como Palestra Itália (atualmente conhecido como Palmeiras) e Corinthians também passavam a abrir espaço para classe operária.

A contribuição da imprensa para o crescimento do esporte no Brasil começa a ser abordada no segundo capítulo. Enquanto uma parte defendia o amadorismo com medo que o dinheiro corrompesse os atletas, a ala revolucionária lutava para implementação do modelo profissional. Os principais incentivadores dessas mudanças foram Tomas Mazzoni, em São Paulo, e os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, no Rio de Janeiro, que puderam ver seus sonhos realizados a partir da década de 1930, quando teve início a profissionalização. Além de defender a revolução nos gramados, os três também foram responsáveis pela implantação de uma nova forma de se fazer jornalismo no Brasil. O futebol ganhava uma nova cara e a imprensa um novo formato. O estilo opinativo dava lugar a um texto mais direto e imparcial.

No entanto, nem tudo são flores no jornalismo esportivo. A rivalidade entre os dois principais centros urbanos do país na época está na base de sustentação deste trabalho. A partir da análise do formato de realizar a cobertura de Rio de Janeiro e São Paulo no início do esporte, será possível entender o comportamento atual dos jornalistas esportivos e a forma como o Adriano foi tratado.

Ainda neste capítulo será abordada a importante questão do bairrismo, uma característica que acompanha o jornalismo até os dias de hoje. Apesar de a imprensa brasileira propagar o discurso de nação unida, principalmente em época de Copa do Mundo, o regionalismo é muito presente. No esporte isso pode ser observado na forma como a imprensa esportiva de cada região procura exaltar sempre os principais clubes das cidades onde está situada a redação. E foi assim que clubes como Flamengo e Corinthians tornaram-se os maiores beneficiados dessa prática, com a propagação dos seus times sempre a nível nacional pelos principais veículos de comunicação do país.

A relação de Adriano com a imprensa carioca e paulista será o tema do terceiro capítulo. A fama adquirida pelo jogador no período em que atuou na Internazionale de Milão, chegando a ganhar o apelido de Imperador, o tornou um personagem de boas histórias. Para entender melhor como o atacante ganhou todo esse status, o capítulo irá contar sua trajetória, desde o menino nascido em uma favela do subúrbio do Rio de Janeiro com sonho de se tornar jogador profissional até o Imperador de Milão, sucessor de

Ronaldo Fenômeno na Seleção Brasileira, mas que jogou a carreira fora devido aos problemas extracampo.

O comportamento de Adriano longe dos gramados tornou-se um prato cheio para jornalistas das editorias de polícia e dos colunistas de fofoca. Suas polêmicas extracampo passaram a dar mais audiência do que os gols marcados nos adversários. O ocaso de seu império teve início após a morte do seu pai em 2004. Esse fator é apontado por todos como o principal motivo para o desvio comportamental que o atacante teve nos anos seguintes.

Em 2008, após quase uma década atuando na Itália, Adriano retornava ao Brasil para tentar recuperar seu futebol no São Paulo, mas foi um ano depois que o jogador ganharia um destaque maior na imprensa brasileira. Atuando pelo Flamengo, o atleta não teve sossego dentro e fora das quatro linhas. Saídas, festas, relacionamentos, tudo virava notícia nas mãos dos jornalistas cariocas. Apesar disso, ainda conseguiu conquistar um importante título para o time de coração. Após uma nova frustração no futebol europeu, o Imperador estava de volta ao país e novamente em um time de massa. Novamente o jogador não conseguiu ter atuações de alto nível. As seguidas lesões o impediram de ter uma sequência de jogos. No entanto, Adriano se viu mais blindados, as polêmicas em relações as suas faltas às sessões de fisioterapia demoraram a chegar à imprensa e não repercutiram tanto quanto as do período em que jogou no Rio.

O trabalho não irá se restringir à análise de notícias de apenas um veículo de comunicação. O objetivo é fazer um comparativo entre a cobertura dos jornalistas das duas cidades e, por isso, além das notícias publicadas nos jornais impressos com circulação no Rio de Janeiro e São Paulo, em especial o diário *Lance!*, também serão analisados fatos noticiados em sites especializados em esporte como *Globoesporte.com*, *Lancenet* e *UOL Esporte*. Em alguns casos foi preciso sair do âmbito esportivo para mostrar como o jogador tornou-se um produto do novo jornalismo.

As entrevistas com profissionais da área irão ajudar no entendimento da questão proposta pelo trabalho através da experiência de quem convive com o assunto no dia a dia. O jornalista Eduardo Peixoto, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2003, e que atualmente ocupa o cargo de chefe de reportagem do site *Globoesporte.com*, acompanhou de perto a passagem do Imperador pelo Flamengo em 2009 e contará um pouco do que presenciou. Já Marcos Eduardo Neves, autor da biografia *Nunca houve um homem como Heleno*, tem conhecimento do comportamento de um jogador polêmico que atuou na década de 1940 e chamava atenção da imprensa esportiva

da época. A entrevista com Diego Ortiz, editor do Jornal do Carro online, do *Estado de São Paulo*, irá dar uma visão de quem já trabalhou no Rio de Janeiro e atualmente faz a carreira na cidade paulista.

2 – A HISTÓRIA DO FUTEBOL

Hoje em dia a população está acostumada a ouvir e repetir jargões como “Brasil, país do futebol” ou “Futebol é o ópio do povo¹”, assistir a uma pelada em cada esquina e reverenciar um jogador negro como “Rei do Futebol”. Porém, o início desta história foi bem diferente. Para conquistar o status que possui, além de contar com o talento de seus jogadores, o futebol teve uma ajuda fundamental do jornalismo esportivo, que também foi aumentando sua importância dentro das redações com o crescimento do esporte no cenário nacional.

Para entender a história do futebol brasileiro e o papel da imprensa na sua consolidação e popularização sem um julgamento precipitado sobre o caráter excludente presente em sua origem, é necessário antes conhecer a situação política, econômica e social vivida pelo país na época dos primeiros relatos de sua implantação como esporte.

A década era a de 1890, a República havia sido recém-proclamada após um golpe militar, mas apesar disso, o Brasil ainda convivia com um forte resquício dos anos imperiais: economia baseada na grande propriedade rural, monocultura voltada para exportação, conservação da estrutura política com o poder aos coronéis e oligarquias agrárias, exclusão social e preconceito racial, que mesmo após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, que acabava com a escravidão no país, ainda era muito grande. Sem a ajuda do Estado, negros tinham dificuldades para ingressar no mercado de trabalho formal e ter um salário decente para sobreviver.

E era com este contexto que jovens brasileiros filhos de imigrantes europeus se deparavam quando desembarcavam no país após um período de estudo pela Europa. Em suas malas, traziam novidades como bolas, uniformes e regras de um esporte muito praticado no Velho Continente, principalmente na Inglaterra e França (SILVA, 2000, p.10). Era o Brasil dando os primeiros passos² para uma inclusão definitiva do *football*³ em seu território.

¹ Expressão derivada da frase “Religião é o ópio do povo”, que ficou famosa através de publicação de Karl Marx, mas já havia aparecido em escrituras anteriores ao líder socialista.

² Diversos relatos dão conta de que o futebol já era praticado sem um caráter definitivo, apenas por diversão, anteriormente a data considerada como oficial. Segundo Crepaldi, marinheiros britânicos que chegavam aos cais dos portos já eram adeptos do esporte como forma de lazer. Nos registros do naturalista francês Auguste Auguste de Saint-Hilaire, em 1816, no interior de Sorocaba, brasileiros brincavam com a bola em um jogo bem semelhante ao futebol. E muitas outras histórias dão conta da entrada do futebol antes de Charles Miller e companhia, que se destacam por trazer regras, implantar o esporte em clubes e organizar disputas.

³ “Em relação ao vocabulário do futebol, é marcante a presença de estrangeirismo, na sua maioria de origem inglesa, já que foi na Inglaterra que se regulamentou e desenvolveu o esporte. Apesar da constância, os vocábulos estrangeiros nunca apareceram de forma indistinta, exceto aqueles de cuja origem já perdemos a

Com dimensões continentais, o Brasil do final do século XIX e início do século XX não tinha uma integração regional, tanto no âmbito do transporte como no da comunicação. Por isso, é difícil apontar uma pessoa como difusora do futebol no país. Em sua dissertação de mestrado, na Universidade de Brasília, Daniel Damasceno defende uma autoria compartilhada do esporte no país.

Por estudantes retornando ao país, ou por imigrantes que chegavam da Europa, o futebol se espalha pelo Brasil de forma impressionante, se unirmos variáveis como a dimensão do território brasileiro, a proximidade das datas de fundação dos clubes e a precariedade dos meios de comunicação. O que quero dizer com isso é que o Brasil é extenso demais para que o futebol tenha sido difundido por tamanha quantidade de regiões, a partir das atitudes de um pequeno grupo de praticantes, seja de paulistas ou cariocas (CREPALDI, 2009, p.30)

Considerado pioneiro⁴, o introdutor do futebol em São Paulo, no final do século XIX, Charles Miller ganha a companhia de outros precursores na história da vanguarda do futebol brasileiro: Oscar Alfred Cox (Rio de Janeiro-RJ, 1897), José Ferreira Junior, o Zuza, (Salvador-BA, 1901), Vítor Serpa (Belo Horizonte-MG, 1904), Guilherme de Aquino Fonseca (Recife-PE, 1905), Joaquim Moreira Alves dos Santos, o Nhozinho (São Luiz-MA, 1907).

Filho de escoceses, Miller era um jovem que acabara de retornar de uma temporada de estudos na cidade de Hampshire, na Inglaterra, em 1894, para trabalhar na São Paulo Railway Company⁵. E foi justamente pela companhia ferroviária que organizou e disputou, em 1895, aquela “que é considerada primeira partida integralmente brasileira de futebol no Brasil – isto é, sem a participação de ingleses” (OLIVEIRA, 2011, p.32). Realizada na Várzea do Carmo, o time da São Paulo Railway venceu por 4 a 2 a equipe formada por funcionários da Companhia de Gás de São Paulo.

Já no Rio de Janeiro, Oscar Alfred Cox⁶ trouxe algo além de bolas e uniformes. Foi o introdutor do conceito da grande área. Filho de um cidadão inglês⁷ com uma carioca, Cox é mais conhecido por ser um dos sócios fundadores do Fluminense Football Club, em

consciência, devido ao largo emprego na escrita ou na fala. De modo geral, os ‘imigrantes’ da língua, se não são ‘naturalizados’ vêm acompanhados de aspas ou são impressos em negrito, para não serem confundidos com vocábulos nativos” (FERNÁNDEZ, 1974, p.74)

⁴ Segundo a história adotada pelos veículos de comunicação como oficial do futebol brasileiro

⁵ Companhia inglesa de ferrovias

⁶ Devido ao sucesso do críquete entre os europeus, Cox demorou quatro anos para conseguir introduzir o futebol no Rio de Janeiro. (FERNÁNDEZ, 1974, p.21)

⁷ George Cox nasceu em Guayaquil, no Equador.

1902⁸. Ele foi, também, o responsável por organizar o primeiro confronto entre cariocas e paulista. A disputa aconteceu no campo do São Paulo Athletic Club, em 1901, e marcou o histórico encontro entre Charles Miller, atuando pelo São Paulo Scratch Team; e Oscar Cox, pelo Rio Team. E na primeira peleja interestadual prevaleceu o empate em 2 a 2⁹. Era o pontapé inicial de uma rivalidade que viria a se tornar histórica dentro e, principalmente, fora de campo, nas redações e páginas de jornais.

Apesar desses confrontos, a rivalidade interestadual não se deu como na Europa¹⁰. Crepaldi explica que “o território brasileiro proporcionou ao futebol uma forma diferente de se organizar, fortalecendo inicialmente os campeonatos regionais, levando algum tempo para surgirem os campeonatos que englobavam times de diferentes regiões do país” (CREPALDI, 2009, p. 32-33).

O reflexo dessa regionalização do futebol brasileiro é a organização tardia de uma competição a nível nacional¹¹. A primeira delas foi a Taça Brasil, criada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), então sob o comando de João Havelange, em 1959. Disputada até 1968, o torneio reunia um representante de cada estado (campeão estadual) dividido em grupos de acordo com a região. Os campeões do Rio de Janeiro e São Paulo e o vencedor da edição anterior entravam apenas nas quartas de final ou semifinal. O formato de disputa era mais próximo do que se conhece hoje em dia como a Copa do Brasil e a extinta Copa dos Campeões – disputada entre os anos de 2000 e 2002.

Em 1967, o torneio Rio-São Paulo¹² deu origem à competição que viria a ser a precursora do atual Campeonato Brasileiro: o torneio Roberto Gomes Pedrosa¹³, que no ano seguinte passou a se chamar Taça de Prata. Durante os quatro anos em que foi disputada, antes de dar lugar ao atual Brasileirão, em 1971, a competição manteve o

⁸ Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/a-fundacao-do-clubes/> Acesso em: 16/03/2014

⁹ Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/especial46.html>. Acesso em: 16/03/2014

¹⁰ Países como Itália, Espanha, Inglaterra e França começaram a organizar campeonatos com caráter nacional já no final do século XIX e início do século.

¹¹ Em 1922 foi disputado o primeiro campeonato brasileiro de seleções estaduais. Nos anos de 1920 e 1937, duas competições com os clubes campeões estaduais foram realizados, mas não tiveram continuidade. No formato mais parecido com o atual, porém, a Taça Brasil é o primeiro registro que se tem. A partir de 1959 ela se tornou anual. As competições interestaduais, como Rio-SP e Sul Minas, foram a inspiração para criação de um campeonato que reunisse os principais times do país.

¹² Disputado inicialmente em 1933, o torneio Rio-São Paulo chegou a ter uma edição não finalizada em 1940, e somente após a reformulação feita pelo jornalista Mário Filho, em 1950, a competição ganhou o formato que a levou a se tornar um campeonato a nível nacional.

¹³ Homenagem ao ex-goleiro Pedrosa, do São Paulo e da Seleção Brasileira na Copa de 1934, que morreu em 1967, aos 54 anos, como presidente da Federação Paulista de Futebol.

mesmo sistema de disputa, com os times divididos em dois grupos onde todos se enfrentavam em turno único.

Recentemente, em 2010, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) resolveu unificar os títulos da Taça Brasil e do torneio Roberto Gomes Pedrosa/Taça de Prata com o do Campeonato Brasileiro. Isso resultou na mudança da hegemonia do futebol no país. Flamengo¹⁴ e São Paulo, cada um com seis títulos, foram ultrapassados por Santos e Palmeiras, que alcançaram oito conquistas.

Tudo isso tudo aconteceu somente décadas depois da criação de campeonatos estaduais como o Paulista, em 1902; Baiano, em 1905; Carioca, em 1906; Paraense, em 1908; Amazonense, em 1914; Mineiro, Paranaense, Pernambucano, em 1915; Capixaba, em 1917; Maranhense, Rio Grandense, Sergipano, em 1918; Paraibano, em 1919; e Cearense, em 1920.

Nesse sentido, diversas localidades mantiveram-se em relativo isolamento em relação aos grandes centros urbanos nacionais, mantendo o tradicional localismo. No âmbito do futebol, tal situação proporcionou o surgimento de rivalidades locais. Ao mesmo tempo, as principais cidades seguiam mantendo relativo isolamento entre si, de forma que os principais confrontos futebolísticos se davam no nível intra-urbano, e não interurbano, como se pode notar comumente no caso europeu (CREPALDI, 2009, p. 32-33).

Em uma de suas crônicas para o diário esportivo *Lance!*, antes da Copa do Mundo de 2006, Armando Nogueira relembra com saudosismo as disputas que marcavam o cenário esportivo nacional antes da criação de uma competição que reunisse os principais clubes brasileiros.

Nas décadas de 40 e 50, os clubes só tinham vez no plano estritamente paroquial. O profissionalismo mal despontava no Brasil. Vivíamos o reinado das seleções estaduais, uma competição de alto nível técnico que apaixonava o país. Cada estado tinha a sua seleção, formada pela fina flor dos times locais, com predominância, naturalmente, de jogadores do campeão da cidade. Pra variar, o título de campeão brasileiro acabava saindo do confronto entre o Rio e São Paulo, os dois centros que então dividiam a hegemonia do futebol nacional (NOGUEIRA, 2005)¹⁵

Enquanto aqui no Brasil os clubes ainda lutavam pela profissionalização do esporte e a disputa se restringia ao cenário regional, times europeus já organizavam, além dos

¹⁴ Imbróglio da Copa União de 1987 se arrasta até hoje dividindo opiniões quanto ao campeão daquele ano.

¹⁵ Ver anexo

campeonatos nacionais, competições internacionais entre si desde 1927, com a Copa Mitropa, uma espécie de precursora da Liga dos Campeões da UEFA. Idealizada pelo presidente da federação de futebol austríaca na época, Hugo Meisl, após o sucesso das excursões dos times ingleses pela região, a competição se tornou realidade após uma reunião em Veneza com a presença das federações de futebol da Itália, da Iugoslávia, da Hungria, da Checoslováquia, além, é claro, da Áustria.

A Copa Mitropa ocupa um lugar especial, mesmo crucial na história do futebol. Nos doze anos que foi contestada antes da Segunda Guerra Mundial, criou o modelo definitivo de competições de clube do futebol Internacional. O formato era um simples torneio mata-mata entre os principais clubes da Europa Central (...). Os times se enfrentavam em partidas de ida e volta para garantir que todos tivessem chances iguais, e para fornecer um teste genuíno em que um lado tinha de provar-se tanto em casa como no ambiente hostil de outro país (GOLDBLATT, 2007, p.241)¹⁶

2.1 – A resistência das elites

Além da questão territorial, os admiradores do futebol que não pertenciam às classes mais altas da sociedade no início do século XX enfrentaram outro obstáculo para poder acompanhar a paixão que surgia: a elitização. Trazido para o Brasil pelos filhos de imigrantes que tinham dinheiro para financiar o estudo fora do país, a atividade física demandava um material esportivo com alto custo para sua execução. Sem o incentivo do governo¹⁷, a prática do esporte restringia-se às famílias abastadas. Com o objetivo de manter o caráter elitista do futebol, os clubes insistiam no amadorismo, não permitindo a remuneração financeira dos jogadores, para afastar quem não tivesse condição financeira.

Parte da imprensa se mostrou a favor da ideia de segregação social e, principalmente, racial difundida pela elite brasileira. O futebol do país vivia uma espécie de apartheid¹⁸ em seu início. Jogadores pobres e negros eram proibidos de participar das partidas e em alguns casos até de torcer, como lembra Leonel Kaz em crônica escrita para

¹⁶ Tradução do autor. “The Mitropa Cup occupies a special, even pivotal place in the history of football. In the twelve years that it was contested before the Second World War it created the defining template of international club football competitions. Its format was a simple knock-out tournament between the leading clubs of Central Europe - which would extend to include teams from Switzerland and Romania too. Each round was played over two legs - home and away - to ensure everyone got a cut of the gate receipt, and to provide a genuine test in which a side had to prove themselves both at home and in the hostile environment of another country”.

¹⁷ Brasil mantinha os altos impostos sobre os produtos importados

¹⁸ Regime de segregação racial adotado pela África do Sul entre os anos de 1948 e 1992, que, entre outras coisas, proibia o casamento interracial, a participação política, propriedade, educação e circulação (Bantustões) de negros.

o jornal *O Globo*, do dia 23 de setembro de 2008, na qual faz uma análise pertinente sobre esse período obscuro do esporte no Brasil.

O país negro e mestiço não podia existir dentro das quatro linhas do campo, apregoavam os introdutores do esporte entre nós, na década seguinte à Abolição (dos escravos) e à República. (...) O futebol era um esporte adequado para um mundo que estava sendo posto de pernas para o ar. Um mundo em que os trabalhadores passavam a ter alguma voz ativa, apesar de o Brasil continuar a impedir o acesso de pobres e negros a qualquer tipo de privilégio cultural, aí incluída a prática do futebol. Estes eram proibidos até de torcer pelos clubes, todos grã-finos. O país dos capitães hereditários (KAZ, 2008)¹⁹.

Porém, nenhuma das ações tomadas pela elite brasileira conseguiu afetar o interesse dos populares pelo futebol. O glamour de um esporte praticado pela alta sociedade e a facilidade do entendimento das regras atraía ainda mais a curiosidade das outras classes sociais. Se eram impedidos de jogar, os “excluídos” sempre arrumavam uma forma de estar o mais próximo possível e se contentavam em assistir às partidas do alto de morros. O jornalista Mário Filho descreve bem esta situação em “*O negro no futebol brasileiro*”.

Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros (FILHO, 2003, p.35)

Apesar da forte resistência, a elite brasileira não conseguiu evitar que as camadas mais baixas da sociedade tivessem acesso ao esporte. Em seu trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do VII Encontro Nacional de História da Mídia, em 2011, Thaís Meinicke, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mostra que

Os primeiros a se juntar ao *team* foram os malandros e garotos pobres, que não tinham família para sustentar. Eles passaram a ser aceitos nos clubes, desde que se adaptassem à maneira europeia de jogar, repetindo os movimentos e a disciplina ensinados nos manuais ingleses do esporte (MEINICKE, 2011, p.4)

A popularização do futebol veio com o tempo e começou a abrir espaço para praticantes de outras classes sociais, principalmente operários e negros. A partir daí regras, estilo de jogo e a linguagem²⁰ foram sendo adaptados aos novos jogadores. Tal processo

¹⁹ Ver anexos

²⁰ A imprensa foi uma das principais estimuladoras do abramileiramento de termos ingleses como forma de aproximar mais o torcedor do esporte. Segundo Maria do Carmo L. de Oliveira Fernández, em Futebol –

foi lento e gradual, tendo o Bangu Atlético Clube como o vanguardista desse movimento de mudanças no futebol brasileiro.

2.2 – A influência do Bangu Atlético Clube

Fundado em 1904, por funcionários ingleses da tecelagem Companhia Progresso Industrial do Brasil com o nome *The Bangu Athletic Club*, o clube havia sido criado para o divertimento dos altos funcionários. Na época, o material não era problema, já que a companhia podia importá-los junto com o maquinário. O principal problema enfrentado pelos praticantes era o número insuficiente de jogadores para completar dois times. A primeira medida para solucionar o entrave foi chamar compatriotas que trabalhavam no Centro do Rio de Janeiro para completar o plantel, mas a distância entre os bairros dificultava o traslado. Então a solução encontrada foi caseira e o Bangu tornou-se o primeiro clube a admitir operários em seu time.

O critério de escolha do jogador baseava-se principalmente em três aspectos: no seu desempenho profissional, no tempo de serviço na empresa e no comportamento pessoal. Ao ser escolhido, o jogador-operário passaria imediatamente a desempenhar um tipo de trabalho mais leve, onde pudesse economizar suas energias para concentrá-las no futebol. Nos dias de treino, ele tinha a autorização dos diretores da empresa para deixar o trabalho mais cedo, com uma condição: dirigir-se ao campo de futebol, a fim de realizar os treinos coletivos. (CALDAS, 1990, p.30)

Era o início da democratização do futebol, mas não por vontade dos ingleses e sim por uma necessidade. Localizado no subúrbio, longe do Centro, ao contrário dos outros clubes, o Bangu via no operário a única fonte de se buscar jogadores para completar seu time. Com o passar dos anos, o clube começou uma democratização de fato com excursões que divulgavam não só o nome da fábrica como também o time de futebol. Pode se considerar essa a primeira ação de marketing do esporte bretão. O time passou a fazer tanto sucesso, tornando-se mais conhecido que a própria empresa, que foi criada uma diretoria própria para administrar o futebol.

2.3 – Vasco da Gama

Se o Bangu teve uma contribuição importante na “democratização do futebol no Brasil” (CALDAS, 1990, p.30), foi o Vasco da Gama o grande responsável pelo que o jornalista Mário Filho chamou de “uma verdadeira revolução” (FILHO, 2003, p.11) na história do futebol brasileiro. Criado por comerciantes da colônia portuguesa em 1898, para disputas do remo, o cruzmaltino incluiu o futebol entre suas modalidades apenas em 1916. O clube fazia o que os outros não admitiam, selecionava os jogadores através do talento apresentado em campo e não por cor ou classe social. Em 1922, realizou um grande feito para época ao se tornar campeão da segunda divisão do campeonato carioca com um time formado em sua maioria por trabalhadores braçais, entre eles alguns negros. No ano seguinte, já disputando a primeira divisão ao lado dos clubes das elites, o Vasco surpreendeu a todos ao se tornar o primeiro time formado por jogadores negros a ser campeão da principal competição da cidade. A campanha com 12 vitórias em 14 jogos tornou o título ainda mais emblemático.

Outras equipes com o perfil do Vasco já haviam participado da primeira divisão do futebol carioca, como o Bangu e o Andaraí, mas nenhum havia mostrado tanta força, chegado tão longe e atraído tanta torcida quanto o time da comunidade portuguesa do Rio de Janeiro (STYCER, 2009, p.48)

Os times da elite não aceitavam que um clube que estava disputando pela primeira vez a primeira divisão, tendo em seu elenco jogadores negros, sem estádio²¹ e com origem na zona norte fosse campeão. A revolta resultou na debandada dos principais times do Rio de Janeiro da Liga Metropolitana de Desportos Terrestre (LMDT). América, Flamengo, Fluminense e Botafogo criaram então a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) em 1924.

Os jogadores de boa família tinham estímulo de novo. Podiam levar a vida que levavam sem perigo de competir, em inferioridade de condições, com brancos pobres, mulatos e os pretos. A Amea estava ali para não deixar que os brancos pobres, os mulatos e os pretos passassem o dia todo no campo, batendo bola (FILHO, 2003, p.138)

As principais regras da nova entidade atingiam diretamente o clube cruzmaltino. Para participar do campeonato, o atual campeão tinha que provar que seus jogadores estudavam ou trabalhavam, e que sabiam ler e escrever corretamente. E segundo Mário

²¹ Nessa época o time utilizava as dependências do Andarahy, até a construção de São Januário, em 1927. Atualmente, funciona um shopping Center no local que era usado para treinamentos e jogos.

Filho, tinha que ser “um emprego decente”, sendo “os empregados subalternos riscados”. Para atender a essas exigências, o Vasco teria que dispensar 12 jogadores. Fato que gerou um protesto do então presidente do clube, José Augusto Prestes, em ofício assinado no dia 7 de abril de 1924²².

A exigência de um estádio próprio também preocupava os dirigentes do Vasco da Gama. Porém, esse requisito serviu como uma inspiração para que a colônia portuguesa se reunisse para discutir a construção do estádio vascaíno. Após conseguir arrecadar o dinheiro necessário para compra de um terreno em São Cristóvão, os cruzmaltinos iniciaram, em 1926, a construção do estádio que, na época, seria considerado o maior do mundo²³. Inaugurado um ano depois, São Januário tornou-se um símbolo de orgulho do clube vascaíno e até mesmo da história do Brasil²⁴.

Apesar das muitas imposições exigidas pela Amea, o veto ao Vasco da Gama não durou muito tempo. O sucesso do clube nas arquibancadas não era algo de momento. Para surpresa de todos, o público dos jogos do time cruzmaltino pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestre, ao qual continuou filiado, superou os da nova entidade criada pelos principais times do Rio de Janeiro. Com isso, em 1925, as regras do novo campeonato foram amenizadas e o time da colônia portuguesa pode, finalmente, integrá-la.

2.4 – Futebol Paulista

Em São Paulo, operários e imigrantes também foram fundamentais na criação de dois dos principais clubes da cidade: o Sport Club Corinthians e a Sociedade Esportiva Palestra Itália (conhecida hoje em dia como Palmeiras).

Fundado em 1910 por um grupo de operários do bairro do Bom Retiro, o clube alvinegro foi inspirado na equipe inglesa Corinthian-Casuals Football Club, que realizava uma excursão pelo Brasil e encantava pelo futebol que apresentou diante dos times brasileiros²⁵. O alfaiate Miguel Battaglia, eleito presidente pelos fundadores, cravou “O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time”²⁶, há mais de 100 anos.

²² Ver anexos

²³ Esse título seguiria com São Januário até 1930, quando foi inaugurado o estádio Centenário, em Montevidéu, no Uruguai.

²⁴ O estádio foi muito utilizado para os célebres discursos do presidente Getúlio Vargas.

²⁵ O time inglês venceu o Fluminense (10 x 1), Rio (8 x 1), São Paulo A.C (8 x 2) e Paulistano (5 x 0)

²⁶ Disponível em: <http://www.corinthians.com.br/site/clube/historia/> Acessado em 10/05/2014

O Palmeiras teve uma história semelhante ao do Vasco da Gama. Fundado em 1914 por imigrantes italianos da capital paulista com o nome de Sociedade Esportiva Palestra Itália, o clube alviverde tinha a intenção de disputar a principal liga do futebol do estado, organizada pela Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA), e para isso convocaram atletas para fazerem parte do time através de anúncios em um jornal de língua italiana, o *Fanfulla* (STYCER, 2009, p.45). Tal atitude acabou criando outra forma de exclusão.

O Palestra vai ajudar a romper com o corte de classes estabelecido nos primórdios do futebol brasileiro ao atrair para o seu time um sem número de operários e trabalhadores manuais. Vai, porém, inaugurar um outro corte, em bases étnicas, ao privilegiar desde o início os trabalhadores de origem italiana (STYCER, 2009, p.47)

Tanto o Vasco da Gama quanto o Palmeiras tiveram como um dos principais inimigos a imprensa esportiva que defendia os interesses da elite, ou seja, a prática amadora do esporte. O jornal *Estado de São Paulo* é um exemplo de perseguição a um clube de futebol. Reportagens acusavam o time alviverde de remunerar seus jogadores de forma escondida e, por isso, o chamava de campeão do falso amadorismo.

Diante da popularização do futebol na década de 20, representada pelo sucesso do Vasco da Gama e do Palestra Itália, a imprensa reproduz preconceitos correntes, seja ao adotar uma cobertura enviesada sobre os feitos desses times, seja ao sublinhar a origem social ou étnica de seus dirigentes e jogadores (STYCER, 2009, p.53)

3 – O FUTEBOL E A IMPRENSA ESPORTIVA

O novo estilo de vida europeizado implementado pelos governantes dos centros urbanos brasileiros, em especial Rio de Janeiro e São Paulo, no final do século XIX, traria mudanças significativas para toda sociedade. A Reforma Pereira Passos²⁷ ocorrida na cidade carioca, então capital do país, entre os anos de 1902 e 1906, exemplifica bem esse momento. Para se enquadrar ao estilo parisiense, o prefeito realizou diversas modificações, principalmente no Centro da cidade, com a derrubada de sobrados e cortiços e abertura de grandes avenidas para circulação de pessoas. Nesse tempo “já era possível ver a formação de times de esquinas, organizados por artesãos e operários, que se reuniam para jogar nos terrenos baldios” (MEINICKE, 2011, p.4).

Todas essas transformações refletiram também na imprensa. É a partir desse momento que a atividade esportiva começa a ganhar espaço tanto nos clubes quanto nos grandes jornais, ainda que nestes seja em pequenas colunas. Ao abrir as páginas dos impressos que possuíam uma seção dedicada ao esporte nessa época podia perceber que o futebol não era a menina dos olhos nem da população nem dos chefes de redação²⁸. No Rio de Janeiro, era o remo que monopolizava esse espaço, principalmente em dias de regatas, fato destacado por Mário Filho em “O Negro no Futebol Brasileiro”.

Os jornais falavam mais de remo. Dedicavam uma página inteira para o *rowing* em dia de regata. Nesse dia não havia lugar para o noticiário do futebol, sempre mais escasso, espremido, numa coluna. Nada de manchetes, de crônicas, de fotografias (FILHO, 2003, p.48)

E esse panorama demorou um bom tempo até ser modificado. Ao contrário do futebol, o remo não era um esporte tão acessível²⁹, então mesmo com a popularização continuava se mantendo em grupos fechados da elite, como é até hoje, embora haja projetos sociais em comunidades carentes da zona sul carioca que permitem uma certa abertura a outras classes sociais. Além disso, o futebol ainda enfrentava a concorrência de

²⁷ A Reforma Pereira Passos trouxe muitos benefícios para cidade, mas a forma como foi implantada causou algumas revoltas na população da época que não concordava com o tratamento destinado a eles. A Revolta da Vacina, em 1904, é um exemplo da insatisfação popular.

²⁸ Em anexo algumas capas dos periódicos que circulavam nessa época, como o *Rio Sportivo*, *São Paulo Sportivo*, *O Sportman e Sport*: *Semanário Ilustrado*, demonstram essa preferência por esporte que não eram o futebol.

²⁹ Para prática do remo é necessário um gasto considerável com material, como barco e remos. Hoje em dia projetos sociais facilitam o acesso de moradores de comunidades carentes, mas está longe de alcançar uma popularização tal qual a do futebol.

outro esporte bastante praticado pelas altas camadas da sociedade: o turfe, ligado mais à aristocracia rural (MELO, 2006, p.5).

As três práticas esportivas surgidas praticamente na mesma época³⁰ e que ganharam destaques através do estímulo de políticas públicas, inspiradas no modo de viver europeu, nos principais centros urbanos do país, sobrevivem até os dias de hoje, embora o remo e o turfe tenham perdido espaço ao longo do tempo devido à supervalorização do futebol.

Quando o esporte entrou em voga, no final do século XIX, causou grande impacto na vida social, provocando uma revolução moral e dos costumes entre cariocas e alterando, por exemplo, o padrão de beleza. Os jogos de caráter esportivos foram abençoados pelas organizações médicas, que passaram a pregar a sua prática junto à imprensa e às famílias. Rapidamente essas atividades físicas começaram a fazer parte do receituário de uma vida ‘civilizada’, um tipo de vida que foi moda nos anos 1920, sendo seus praticantes conhecido como *sportmen* (MEINICKE, 2011, p.2)

O brasileiro começava a mudar o estilo de vida e, a imprensa, sua visão sobre a prática de atividades físicas. A editoria de esporte que praticamente inexistia, com repórteres ocupando a parte mais baixa na hierarquia das redações e ganhando salários tão miseráveis que mal conseguiam se sustentar, começava a ganhar destaque com a popularização do futebol. Os clubes passaram a enxergar a importância de ter algum membro na imprensa esportiva e nomeavam dirigentes e sócios para ocuparem um espaço nas redações. Esses podem ser considerados os primeiros repórteres a ocupar a posição de setorista na imprensa esportiva. O principal problema nesta prática era o fato de que essas pessoas não eram profissionais, estavam ali apenas para falar bem de seus times, numa espécie de assessoria de imprensa personalizada.

Hoje em dia essa figura não existe mais nas redações³¹. A profissionalização trouxe mais credibilidade e instaurou um novo formato de se fazer jornalismo no país. Até mesmo ex-atletas que assumiram a posição de comentarista após se aposentarem do esporte foram obrigados a se adequar às regras e métodos das empresas onde trabalham. O jornalismo atual não abre mão do discurso de imparcialidade e isenção dos fatos.

³⁰ O turfe chegou ao país importado da Inglaterra em meados do século XIX. Na década de 1880 já era organizado e popular. Já o Remo tem sua primeira regata em águas brasileiras datada em 1851, mas somente com a criação do clube Guanabareense, em 1871, o esporte se firmou no país.

³¹ Alguns dirigentes ainda possuem influência em determinados veículos de comunicação, mas nenhum na figura de repórter esportivo. Esses casos envolvem mais a situação política.

3.1 – Mudanças na imprensa esportiva

Apesar do interesse da população no futebol ter aumentado com passar dos anos, o espaço dedicado ao esporte nos jornais da época ainda era pequeno. Apenas os resultados eram noticiados, sem detalhes sobre as partidas, no máximo notas sobre os bastidores nas colunas sociais. Em São Paulo, o *São Paulo Sportivo*, surgido em 1891, e a revista *Sport: Semanário Ilustrado*, de 1914, são bons exemplos dessa prática. A situação não era diferente no Rio de Janeiro. A então capital do país contava com a circulação do semanário *O Sportman*, de 1887, e do *Rio Sportivo*, a partir de 1906. Ambos priorizavam a cobertura do turfe em suas publicações.

Porém, a partir da década de 1930 dois personagens mudam definitivamente os rumos da imprensa esportiva brasileira: Mário Rodrigues Filho, no Rio de Janeiro; e Tommaso Mazzoni, em São Paulo. Um dos principais críticos do amadorismo e do despreparo da imprensa esportiva, Tomas Mazzoni chegou ao diário *A Gazeta* como redator em 1928 e dois anos depois assumiu a direção da redação esportiva do periódico. Nessa época, proporcionou uma revolução ao estabelecer uma relação de proximidade entre o torcedor e o jornal através de uma linguagem simplificada, como por exemplo, passar a chamar os jogadores por algum apelido ou no diminutivo, deixando de lado os tradicionais pronomes de tratamento. O jornalista paulista também foi o responsável por apelidar times da cidade: Corinthians tornou-se o Mosqueteiro³² e Timão; o Palmeiras, Campeoníssimo; São Paulo, Clube da Fé; Juventus³³, Moleque Travesso; XV de Piracicaba, Nhô Quim; e por aí vai.

Mazzoni entende que a paixão pelo (pelos clubes, pela seleção) é um dos elementos fundamentais para o futebol. Por meio da *Gazeta Esportiva* vai alimentar essa paixão e facilitar a identificação do torcedor com o jornal. Se na primeira década do século os jogadores ainda eram chamados em alguns jornais de “senhores”, com nome e sobrenome, na década de 30 eles serão reconhecidos, sem restrições, por nomes, apelidos ou diminutivos. (STYCER, 2009, p. 66-67)

Na mesma época, em 1931, Argemiro Bulcão queria fortalecer a imprensa esportiva no mercado carioca dando maior periodicidade aos impressos. Com esse pensamento,

³² Adotado como mascote do clube paulista.

³³ Após uma surpreendente vitória sobre o Corinthians, em 1930, por 5 a 2.

propôs uma sociedade com Ozéas Mota e fundou, no dia 13 de março, o *Jornal dos Sports*. Cinco anos depois, a inconfundível capa cor de rosa, inspirada no jornal francês *L'Auto* (KONDER, 2004, p.22), ganharia novos administradores e iria mudar o estilo de fazer jornalismo esportivo no Brasil. Com a ajuda financeira de Roberto Marinho, Mário Filho assumiu o comando do diário esportivo em 1936 e realizou uma série de modificações que transformaram para sempre não só a imprensa esportiva, como também o futebol brasileiro.

Roberto Marinho e Mário Filho também seriam os responsáveis por criar a revista semanal *O Globo Sportivo em 1938*. Feita no formato tabloide, o complemento chegou a ser anunciado pela edição do dia 12 de setembro de 1938 do jornal *O Globo* como o maior sucesso jornalístico de todos os tempos³⁴. Com um estilo moderno para época, o semanário também influenciou bastante uma nova forma de se fazer jornalismo no país. Em uma de suas matérias na primeira edição, o periódico lembra a disputa entre Rio de Janeiro e São Paulo pela hegemonia do futebol no país na década de 1930, período que marcou o início do profissionalismo.

Tem-se falado muito em decadência do futebol paulista. E a afirmação encontrou adeptos intransigentes. Repara-se em um contraste – a ruína do mercado paulista e o florescimento do mercado carioca – para estabelecer comparações que se estendem ao domínio técnico (O GLOBO SPORTIVO, 1938)

Assim como Tomas Mazzoni, Mário Filho também era a favor do profissionalismo e buscava estimular o público a sempre assistir o campeonato disputados com jogadores profissionais³⁵. Foi do jornalista a ideia de premiar os grupos de torcedores mais criativos, a criação do campeonato de torcidas e de competições, como o Rio-São Paulo (1950) e a Copa Rio (1951), para preencher o calendário esportivo. O jornalista foi ainda o criador dos termos que definem os clássicos cariocas como Clássico dos Milhões (Flamengo x Vasco), Clássico Vovô (Botafogo x Fluminense) e Fla-Flu (Flamengo e Fluminense). Além disso, Mário Filho também criou uma abordagem diferente da que era realizada pelos jornais da época onde transformava cada partida em um grande espetáculo. Tudo isso passou a atrair cada vez mais a atenção do público.

³⁴ Ver anexos

³⁵ Em 1934, com o rompimento do amadorismo com o profissionalismo, foram organizados dois campeonatos cariocas: um organizado pela Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) e outro pela Liga Carioca de Futebol (LCF). A preferência dos principais jornalistas da época era pelo da LCF, que já contava com a profissionalização.

3.2 – Profissionalização

Jogar por amor ao esporte ou em troca de dinheiro? Esse era o principal tabu para a profissionalização do futebol brasileiro. Antes de isso acontecer de fato, jogadores amadores recebiam pagamentos escondidos de dirigentes para atuar em seus times. Essas pequenas compensações possibilitavam aos atletas que não tinham condições financeiras de se dedicarem exclusivamente ao esporte. O tempo foi passando e essa prática se tornou cada vez mais comum nos clubes. Com isso, os jogadores começaram a entender a importância que tinham para o jogo e tiravam proveito da situação. Foi aí que, em 1923, surgiu o pagamento do “bicho”. Nelson Rodrigues explica que o nome tem a ver com a forma que chamavam os pagamentos dados pelos dirigentes.

Às vezes, era um cachorro, cinco mil réis, outras um coelho, dez mil réis, outras um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. E não parava por aí. Havia vacas de uma perna, de duas pernas, de acordo com o jogo (FILHO, 2003, p.123)

A década de 1930 não é importante somente pela transformação ocorrida na imprensa esportiva brasileira, ela marca também o fim do amadorismo e o início da primeira grande crise no esporte bretão. Para Maria do Carmo L. de Oliveira Fernández, em *Futebol – Fenômeno Linguístico*, “o profissionalismo viria oficializar o jogo por dinheiro, e não mais por amor ao clube ou ao esporte” (FERNANDEZ, 1974, p.24)

Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo houve uma cessão. O amadorismo e profissionalismo andavam juntos. De um lado a imprensa elitista que defendia o esporte praticado por amor, sem o recebimento de proventos ou qualquer outro tipo de recompensa, ignorando a popularização. Do outro, os veículos de comunicação que faziam a propaganda do profissionalismo, com a importante participação de jornalistas como Tomas Mazzoni e Mário Filho.

A necessidade de levantar campeonatos, de não perder os bons valores da equipe, que se transferiam para Europa onde eram bem pagos, fez com que o profissionalismo acabasse sendo aceito no Rio e em São Paulo. Em 1933, liderados pelo Fluminense, alguns clubes cariocas adotaram o regime profissional, fundando a Liga Carioca de Futebol. O mesmo tendo ocorrido em São Paulo, as duas entidades, carioca e paulista, criaram a Federação Brasileira de Futebol. Anos mais tarde, em 1937, com a adesão dos demais clubes, essa federação filiava-se a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que, enfim, reconhecia no futebol não só a prática do esporte – o jogo –, como também o meio de vida. Assim, o jogo de bola, diferentemente de outros jogos, deixou de ser um fim em si mesmo; dentro dos padrões de produção e consumo, o futebol acabou por se

configurar como atividade comercial com fins lucrativos (FERNANDEZ, 1974, p.22)

A luta pelo amadorismo não resistiu à intensa pressão popular, que estava cada vez mais presente no dia a dia do esporte, e acabou abrindo espaço para profissionalização. Isso representou uma vitória não só para os jogadores, como também para imprensa. Com a evolução do futebol, os profissionais precisavam ter uma nova postura. As redações se expandiram e modernizaram. Manuais de Redação foram feitos com o objetivo de tornar a cobertura esportiva homogênea e isenta. Os repórteres passaram a adotar o estilo direto, escrita em terceira pessoa, sem metáfora, pontos de exclamação e reticência. A opinião ficava a encargo do colunista e, posteriormente, do comentarista. Era o fim do caráter emotivo e opinativo do jornalismo noticioso.

Para Mário Filho, um dos principais defensores do profissionalismo, tais mudanças não chegavam a ser novidade, afinal antes mesmo de assumir o comando do *Jornal dos Sports*, o jornalista já havia implementado métodos semelhantes de cobertura no diário *A Manhã*³⁶, fundado pelo seu pai Mário Rodrigues. Ele foi o grande responsável por aproximar mais o leitor do jornal e com medidas simples como cobrir treinos, bastidores das partidas, entrevista com jogadores e a simplificação dos termos e nomes dos clubes. Além disso, também acabou com a velha prática de noticiar o resultado de um jogo somente no dia seguinte a sua realização, ao invés disso adotou uma cobertura mais completa dos confrontos.

Com a profissionalização totalmente já implementada e o crescimento do interesse dos leitores no futebol, os jornais passaram a dar mais espaço à cobertura esportiva a partir da década de 1960. Alguns diários da época resolveram, inclusive, adotar um caderno próprio para editoria (MENEICK, 2011), dedicado exclusivamente ao esporte³⁷ e tendo, é claro, o futebol como principal assunto.

O aumento na venda dos diários esportivos era a prova definitiva de que investir na proximidade entre o torcedor e a imprensa estava dando certo. O leitor buscava cada vez mais detalhes, notícias extracampo, informações as quais não tinha acesso. Era como se voltassem ao início do século XX, quando os bastidores dos jogos era o mais importante no noticiário, e mesclassem com o novo formato do jornalismo brasileiro.

³⁶ Ver anexos

³⁷ O tradicional jornal *O Globo* só veio a ter um caderno de esportes próprio em 2010, antes compartilhava o mesmo espaço do caderno de Economia.

A imprensa, por sua vez, é um dos principais incentivadores do comércio deste esporte. Ela divulga futebol, quer que haja jogo, quer não. Os assuntos não se prendem tão só ao campo. Tudo serve de matéria para ocupar um número razoável de páginas. Além disso, o futebol merece quase sempre chamadas nas primeiras páginas, inclusive com ilustrações e títulos reforçados ou em caixa alta (FERNANDEZ, 1974, p.32)

Essa busca cada vez maior do consumidor por notícia acabou agravando uma característica que existiu desde sempre na imprensa: o sensacionalismo. A falta de assunto logo gera a necessidade da publicação de fatos sem a devida apuração com o simples objetivo de aumentar a audiência do veículo de comunicação. Isso se agravou ainda mais nos últimos dez anos com o avanço na tecnologia e da internet, um espaço sem leis regulamentadas³⁸ que possibilita que qualquer um publique o que quiser sem sofrer as consequências em função disso. Porém, essa é uma via de duas mãos e, com a mesma velocidade com que são publicadas, as notícias podem ser desmentidos pelos envolvidos. Em muitos casos, o futebol deixou as páginas esportivas para aparecer na seção de fofocas ou até mesmo páginas policiais.

A facilidade de publicar a notícia na internet significa dizer que há hoje um prazo de fechamento de edição a cada minuto, e as empresas jornalísticas publicam regularmente as ‘últimas notícias’ em seus sites na internet em vez de esperar a edição impressa. Isso gerou no público uma expectativa de iminência, o que induz as organizações jornalísticas a tratar a especulação como notícia e a renunciar à reportagem minuciosa em favor das matérias tipo ‘jogo rápido’ (PLAISANCE, 2011, p.201)

3.3 – Bairrismo

O futebol é sem dúvida uma paixão nacional e a seleção brasileira a razão de toda mobilização do país. Em época de Copa do Mundo, é possível observar um dos poucos momentos em que o brasileiro possui um sentimento único, sem regionalismo ou algo parecido: do sul ao norte a torcida é somente para o Brasil. É um período onde o nacionalismo surge com toda força. Ruas são enfeitadas, o torcedor se veste de verde e amarelo, os veículos de comunicação exaltam o espírito guerreiro de torcedores e jogadores, as propagandas abusam do conceito de país unido como forma de divulgar e vender seus produtos³⁹.

³⁸ Em abril, a presidente Dilma Rousseff sancionou o Marco Civil da Internet

³⁹ Durante o período da ditadura militar (1964-1985) esse ufanismo ficou mais evidente. O regime se aproveitou do título mundial de 1970 para mostrar o Brasil como um país onde tudo dava certo. O nacionalismo estava em alta e o futebol era usado como propaganda.

Quando se cobre uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo, é preciso ter bem claro que ambas são festas esportivas, não guerras. Se nas guerras a primeira derrota é sempre a verdade, no esporte nada justifica a repetição do mesmo fenômeno. Jornalistas que saem do seu país para um evento esportivo internacional têm apenas um compromisso: com o leitor, com o telespectador, com o ouvinte (KFOURI, 2004, p.9)

Com o fim da principal competição da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), o sentimento nacionalista se transforma em algo frívolo. A mudança nessa relação entre torcedor e seleção brasileira teve início há aproximadamente 20 anos. As leis possibilitaram os jogadores de se transferirem com mais facilidade para o continente europeu, a CBF afastou a equipe do calor proporcionado pela torcida nos jogos em casa, levando-a para disputar os chamados amistosos caça-níquel, o time deixou de ter um ou mais líderes dentro do elenco com quem os torcedores se identificassem. Tudo isso acabou distanciando o público. A mobilização para os jogos do Brasil deixou de ter a mesma intensidade de outras épocas e até a imprensa adotou uma cobertura menos ufanista.

A história dessa relação da torcida com a equipe de futebol do Brasil começou a partir da primeira formação oficial⁴⁰ de um time para representar o país, em 1914. No elenco, apenas jogadores do Rio de Janeiro e São Paulo, que venceram o Exeter City Football⁴¹, no estádio das Laranjeiras, por 2 a 0⁴². Esse jogo não só era o pontapé inicial de um sentimento nacionalista como também o de uma disputa extracampo, que dura até os dias de hoje, pelo domínio do futebol brasileiro⁴³. E os dirigentes dos clubes e das federações seriam os principais estimuladores dessa rivalidade que envolveria a imprensa e torcedores.

Ainda em 1918, a Liga Metropolitana, do Rio, manda imprimir 10 mil folhetos para serem distribuídos no estádio em dias de jogos interestaduais com instruções para tentar evitar os incidentes que começavam a ser registrados então. Trata-se de um sinal claro de que a rivalidade entre cariocas e paulistas, inicialmente restrita a jornalistas e dirigentes esportivos, começa a extrapolar as páginas dos jornais. É a emergência de um novo sentimento, ao menos no âmbito esportivo: o bairrismo. (STYCER, 2009, p.52-53)

⁴⁰ Antes disso, diversos combinados regionais chegaram a disputar partidas contra seleções internacionais.

⁴¹ Clube inglês que excursionava pela Argentina quando recebeu o convite da Federação Brasileira de Sports (FBS) para o amistoso. Atualmente, disputa a terceira divisão do campeonato nacional.

⁴² Gols de Oswaldo Gomes (atleta do Fluminense) e Osman (América-RJ).

⁴³ As eleições para presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)

O surgimento do bairrismo foi uma consequência da regionalização muito forte existente no Brasil ocasionado tanto pela dimensão continental do país quanto pela forma de administração exercida pelos governantes. A insatisfação dos estados que não se sentiam como parte integrante da unidade federativa gerou revoltas e manifestações através de movimentos separatistas espalhados por todo Brasil. No meio disso tudo, a imprensa não tinha como realizar uma cobertura nacional, criou-se então a necessidade de um jornalismo regionalizado que atendesse o interesse do público específico de cada lugar. Entretanto, alguns jornalistas apresentaram um desvio na conduta profissional e resolveram defender os interesses da região onde viviam, sem uma análise, apuração e postura ética.

No futebol, a imprensa bairrista sempre esteve presente em praticamente todas as regiões, especialmente no sul e sudeste do Brasil, onde se concentram as sedes dos principais times do país. Mas uma rivalidade merece atenção especial: a eterna disputa entre Rio de Janeiro⁴⁴ e São Paulo. Em uma de suas crônicas para o diário *Lance!*⁴⁵, o jornalista Armando Nogueira explica um dos principais motivos que levava dirigentes, imprensa e até torcedores a se considerarem rivais dentro e fora de campo.

O que tornava mais explosiva a rivalidade entre as duas maiores forças do nosso futebol era que a sede da CBD⁴⁶ (depois, passaria a CBF⁴⁷) ficava no Rio e era comandada por cartolas ligados aos grandes clubes do Rio. Os paulistas, naturalmente, viviam de pé atrás. Suspeitavam de favorecimento aos cariocas. E, a meu ver, a desconfiança de São Paulo não era de toda improcedente. Na hora da seleção nacional, havia sempre uma queda pelos craques do Rio. O treinador era sempre de uma equipe carioca. E, tanto na convocação quanto na escalação, a balança pendia mais pro prato carioca (NOGUEIRA, 2005)⁴⁸

O antagonismo entre Rio de Janeiro e São Paulo tornou-se tão forte a ponto dos dirigentes da época tomarem a decisão de acabar com o campeonato nacional de seleções a fim de fortalecer o torneio Rio-São Paulo, que envolvia principais times das duas cidades.

Ignorava solenemente o resto do país e restringia o intercâmbio a uma disputa tipo ponte aérea entre as duas cidades. Mas é inegável que o torneio Rio-São Paulo entraria para história como o primeiro passo de

⁴⁴ Até 1960, o Rio de Janeiro foi a capital do país. Com a construção de Brasília, o centro político do país foi transferido para o Planalto Central.

⁴⁵ Ver anexos

⁴⁶ Confederação Brasileira de Desportos

⁴⁷ Confederação Brasileira de Futebol

⁴⁸ Ver anexos

uma longa marcha-batida que culminaria na implantação de um campeonato brasileiro de clubes (NOGUEIRA, 2005)⁴⁹

A conduta bairrista por parte da imprensa era repudiada pelo então diretor de jornalismo do periódico *Gazeta Esportiva*, Tomas Mazzoni. Ele condenava a prática dos jornais em incentivar e atizar essa rivalidade regionalizada. Para o jornalista, o comportamento agressivo nas arquibancadas era reflexo da cobertura sensacionalista feita por alguns jornais da época.

Se essa imprensa foge de sua missão, se é escandalosa e perniciosa, envenena o ambiente: os jogadores vão a campo mal-intencionados, os ‘torcedores’ ficam de prevenção contra tudo o que não seja do seu lado (MAZZONI *apud* STYCER, 2009, p.174)

Hoje em dia o bairrismo ainda resiste nas principais redações do país, mas acaba sufocado pela “globalização” dos veículos de comunicação, nos quais há uma necessidade de cobrir o que acontece a nível nacional. Nas redes sociais, os jornalistas que ainda apelam para uma conduta bairrista são constantemente cobrados e criticados e com isso acabam perdendo espaço. Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), no ano de 2003, o jornalista Eduardo Peixoto, que atualmente ocupa o cargo de chefe de reportagem do site *Globoesporte.com*, faz uma análise desse comportamento no jornalismo esportivo brasileiro.

Creio que o bairrismo diminui ano a ano e está restrito a poucos e caricatos profissionais. A internet (e as redes sociais) encurta e dificulta essa figura. Nas décadas passadas o que era dito/ publicado em São Paulo dificilmente chegava ao Rio de Janeiro e vice-versa. Agora é tudo instantâneo e o jornalista bairrista (salvo raras exceções) cai em descrédito. Só que há muita confusão entre bairrismo e cobertura regional. É normal que o setorista do Corinthians, por exemplo, escreva pensando no torcedor corintiano (PEIXOTO, 2014)⁵⁰

3.4 – Imprensa Carioca x Imprensa Paulista

O bairrismo, presente na imprensa esportiva de todo o país, criou uma rivalidade especial entre duas cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. Dirigentes dos dois principais centros urbanos do país sempre buscaram o poder político da principal entidade do futebol

⁴⁹ Ver anexos

⁵⁰ Entrevista concedida ao autor. Ver anexo.

brasileiro⁵¹. No meio disso tudo, a imprensa era usada como forma de fazer propaganda da federação, exaltando a importância dos jogadores da cidade para o país. Vale lembrar que muitos jornalistas eram plantados pelos clubes nas redações com o objetivo de ver publicadas notícias favoráveis. O clima de animosidade criado em torno dessa disputa acabou influenciando jogadores e torcedores, levando a disputa extracampo para dentro das quatro linhas.

Havia uma guerra declarada entre a imprensa das duas principais cidades do país. Trocavam xingamentos e desaforos, principalmente no período em que equipes paulistas e cariocas se enfrentavam. Esses ‘colaboradores’ trabalhavam de graça e eram ‘escalados’ só para elogiar a atuação de seus times (RIBEIRO, 2007, p.49)

A rivalidade entre a imprensa esportiva carioca e paulista sobreviveu ao longo do tempo, reforçada pelo sentimento bairrista de dirigentes, jornalistas e torcedores. O sucesso dos clubes já não bastava para eles, então a seleção brasileira tornou-se objeto de desejo. Para se ter uma noção da importância das duas cidades no cenário esportivo da época, o *scratch* formado para o primeiro jogo da história da seleção, em 1914, contava com apenas 12 jogadores, sendo que sete atuavam por clubes cariocas e cinco, paulistas⁵². O primeiro atleta fora do eixo Rio-São Paulo só veio ser convocado seis anos depois, em 1920, para a partida contra o Chile, em Viña Del Mar⁵³. Foi o atacante Ismael Alvariza, do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas, do Rio Grande do Sul, autor do gol da vitória sobre o time da casa.

A preferência por atletas cariocas nas convocações da seleção brasileira sempre foi motivo de insatisfação por parte da entidade que administrava o futebol paulista. Um fato marcante foi a divergência entre a CBD e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) antes da Copa do Mundo de 1930. Excluídos da comissão técnica formada para a competição disputada no Uruguai, a APEA não liberou os jogadores que atuavam em São Paulo para compor o time do Brasil. Sem com a força máxima, a seleção brasileira acabou eliminada ainda na primeira fase. Decisões como essa influenciaram ainda mais no número de atletas de cada estado convocados para disputar Copas do Mundo até hoje. Com 158

⁵¹ Primeiramente as entidades cariocas e paulista fundaram a federação Brasileira de Futebol. Em 1937, filiaram-se à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que anos mais tarde se tornaria a atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), hoje em dia com sede no Rio de Janeiro e comandada por um dirigente da Federação Paulista de Futebol (FPF).

⁵² Disponível em: <http://www.rsssfbrazil.com/sel/brazil191422.htm> Visto em 22/04/2014

⁵³ Ibidem

jogadores chamados, o Rio de Janeiro mantém a liderança, seguido de perto por São Paulo com 124⁵⁴.

O bairrismo sempre existiu, desde a Copa de 30, a primeira que houve. Se você pesquisar, vai ver detalhes sórdidos na escalação e convocação dessa equipe. Não foi uma seleção brasileira [...]. Depois, houve tempo em que o Paulo Cesar Caju jogava em SP e era variadíssimo. Aqui no Rio, a mesma coisa: Garrincha não foi escalado em 1959 e Julinho Botelho calou o Maracanã que o hostilizava fazendo gols. Rio e São Paulo são bairristas, assim como o Rio Grande do Sul é, Minas Gerais é, uns mais e outros menos. Mas todos são. Foram, são e sempre serão. Porque cada um tende a olhar para o seu umbigo e o que se vê todo dia soa mais 'real' do que o que se vê por TV ou internet vez ou outra (NEVES, 2014)⁵⁵

A disputa entre as duas cidades continuaria intensa até João Havelange assumir a presidência da Confederação Brasileira de Desportos em 1956. A partir daí o futebol brasileiro passou por uma série de mudanças que seriam coroadas com o bicampeonato mundial (58 e 62) e uma amenizada na eterna rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Quem viria acabar com o partidarismo seria justamente um carioca: João Havelange; o novo presidente da Confederação, que decidiu entregar o comando da seleção ao paulista Paulo Machado de Carvalho, sob cuja liderança o Brasil conquistaria os títulos de 58, na Suécia, e de 62, no Chile (NOGUEIRA, 2005)⁵⁶

Ao longo do tempo, tanto a imprensa carioca quanto a paulista adotaram estilos próprios e bem diferentes de realizar uma cobertura esportiva. Enquanto no Rio de Janeiro prevaleceu o jornalismo mais leve, glamourizado, com um toque de humor; os jornalistas paulistas adotaram um jeito mais sério, fechado e bairrista. O motivo para isso sempre foi atender à demanda do interesse do leitor que é o público alvo. Um exemplo que mostra bem como funciona o consumo das duas cidades é a tentativa frustrada de introdução do jornal *Meia Hora* na capital paulista em 2011. Com suas capas criativas e bem humoradas, o tabloide se tornou um sucesso entre os cariocas desde o seu lançamento. Porém, o mesmo êxito não foi repetido em São Paulo e um ano depois teve a circulação suspensa.

Trabalhando há cerca de dois anos como editor do Jornal do Carro online, do *Estado de São Paulo*, o jornalista Diego Ortiz percebeu essa diferença entre a imprensa

⁵⁴ Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/que-clube-cedeu-mais-jogadores-para-a-selecao-brasileira-em-copas> Acessado em 22/04/2014

⁵⁵ Entrevista concedida ao autor. Ver anexo.

⁵⁶ Ver anexos

carioca, onde iniciou sua carreira em 2001, e a paulista. A partir da experiência, ele traça uma análise da forma das duas cidades em realizar suas coberturas jornalísticas.

A cobertura dos assuntos em São Paulo sempre tem uma conotação mais política, enquanto que no Rio ela é mais sensacionalista. Como há dois grandes jornais na cidade (*Estadão* e *Folha de São Paulo*), algo que não acontece com o Rio, que só o tem *O Globo*, a procura por furos e por fazer uma cobertura econômica e política é maior. Há também a falta do humor carioca em todo o jornalismo. Paulistanos são mais sérios, formais, e isso se reflete em seus textos, sempre corretos, mas na maioria das vezes sem charme. (ORTIZ, 2014)⁵⁷

Recentemente, em 2013, uma polêmica envolveu jornalistas das redações do Rio de Janeiro e São Paulo do diário *LANCE!*, trazendo de volta o debate do bairrismo. Na capa da edição carioca do dia 26 de janeiro foi estampado o título “Chupa, Corinthians”⁵⁸, fazendo referência ao interesse do time paulista no jogador Dedé, que anunciou a permanência no Vasco da Gama no dia anterior. A atitude gerou uma reação imediata dos torcedores corinthianos e do próprio clube que, ofendido, divulgou uma carta aberta esclarecendo os fatos. A direção do jornal esclareceu que “a capa [...] se propôs sim a ser provocativa, a expressar o sentimento da torcida do Vasco (por isso foi publicada apenas no Rio) como tantas outras que este diário fez ao longo dos seus mais de 15 anos de existência. Provocativa, sim, mas sem ofender”⁵⁹ e por fim pediu desculpas aos que se sentiram ofendidos.

O conceito utilizado pelo diário esportivo neste e em vários outros casos é o mesmo explicado pelo jornalista Cesar Seabra, primeiro editor-chefe do jornal, ao autor do livro *História do Lance!*, Maurício Stycer.

Seriam duas redações. Quase independentes. Trocando páginas. Mas São Paulo ia ter a sua própria capa, pra cima, e o Rio a sua própria capa, pra cima. Como se nós fôssemos dois jornais diferentes, mas com uma sinergia, como a gente gosta de falar, trocando informações. Eu pegando uma página de Corinthians em São Paulo, e São Paulo pegando uma página de Flamengo no Rio, eu botando uma coisa curiosa de São Paulo na capa aqui, e São Paulo colocando uma coisa curiosa na capa lá... Então, a ideia sempre foi essa. Nenhuma sucursal da outra. A ideia eram duas redações independentes, enfim, investindo em seus assuntos, em seus clubes, no esporte amador (SEABRA *apud* STYCER, 2009, p.281)

⁵⁷ Entrevista concedida ao autor. Ver anexos

⁵⁸ Ver anexos

⁵⁹ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Capa-causa-revolta-corinthianos_0_854314707.html
Acessado em: 16/05/2014

O caso é que apesar dessa coerência editorial seguida pelos jornalistas, eles esbarram em uma das principais vertentes do bairrismo: o clubismo. A paixão do torcedor está acima de tudo e ele sempre vai querer comprar o jornal que dá destaque ao seu time. O mesmo torcedor corintiano que fez campanha contra o *LANCE!* neste caso da negociação com o Dedé, foi o que defendeu a capa da edição paulista do dia 24 de maio de 2012, quando o Corinthians eliminou o Vasco da Copa Libertadores da América com gol de Paulinho no final da partida. O título “PQP Paulinho”⁶⁰ foi considerado apelativo e até certo ponto ofensivo por grande parte dos leitores, dividindo opiniões até entre jornalista. O que ocorre é que o torcedor, que vê a manifestação do jornal como uma expressão do sentimento após uma classificação tão difícil, não é movido pela razão, mas sim pela paixão que mantém vivo o bairrismo dentro do jornalismo.

A experiência acumulada nos tempos em que foi setorista de Flamengo, Vasco e Botafogo faz com que o jornalista Eduardo Peixoto tenha uma visão mais aprofundada em relação à diferença na cobertura esportiva realizada pela imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O noticiário paulista é conhecidamente mais sisudo. O principal jornal paulista – Folha de São Paulo – tem como tradição manchetes frias e diretas. Para dialogar com o público que interessa, os veículos paulistas tentam provar que o Corinthians é a maior potência do país; o São Paulo o mais vitorioso e por aí vai. Por outro lado, a imprensa carioca tem interesse em defender o status de clube mais popular do Flamengo, a tradição do Fluminense. O problema é que para defender seus clubes ocorrem erros básicos de apuração. O Flamengo, desde 2013, chama a atenção pela correção no pagamento de salários, mas parte da imprensa paulista segue, para desmerecê-lo, batendo na tecla de clube caloteiro (PEIXOTO, 2014)

A rixa entre cariocas e paulistas chegou ao ponto de veículos de comunicação de São Paulo deixarem de contratar algum profissional simplesmente pelo fato de ser do Rio de Janeiro. Com o tempo esse comportamento foi se modificando e hoje em dia esse cenário é bem diferente. A abertura do mercado de trabalho possibilitou mudanças tanto na imprensa carioca quanto na paulista.

O caso do jornalista Diego Ortiz é um exemplo dessa transformação que vem ocorrendo na imprensa brasileira. O editor do Jornal do Carro online, do *Estado de São Paulo*, iniciou sua carreira no Rio de Janeiro, em 2001, na assessoria de imprensa da

⁶⁰ Ver anexos

empresa Petróleo Ipiranga, passado depois pela agência de notícias *Autopress* e pelo jornal *O Dia*, até fundar a própria revista, a *Torque*, em 2008. Na visão de Ortiz, o bairrismo já não existe mais nas redações.

Na verdade, o que ocorre é que, como as publicações são muito centralizadas na capital, pouca coisa do que acontece em outros estados interessa. A cobertura sobre o Rio, por exemplo, só acontece quando há algo de muita repercussão. Mas no O Globo, O Dia e Extra também é assim. (ORTIZ, 2014)

4 – A HISTÓRIA DE ADRIANO

A camisa nove da seleção brasileira ficou sem dono desde que Ronaldo deixou de ser convocado para o escrete canarinho após o fiasco na Copa do Mundo de 2006⁶¹. Para muitos, o sucessor direto do Fenômeno⁶² seria um garoto de origem humilde, nascido em uma comunidade carente do Rio de Janeiro e que conquistou tudo através do futebol: Adriano Leite Ribeiro. As apostas não se concretizaram. A carreira do jogador tomou outro rumo e hoje em dia ele luta para tentar recuperar o prestígio e o futebol deixado no passado.

Tendo iniciado a carreira profissional no Clube de Regatas do Flamengo⁶³, Adriano percorreu uma longa estrada até alcançar o auge da carreira, quando a imprensa italiana chegou a lhe dar o apelido de Imperador⁶⁴. Grande aposta das divisões de base do clube e da seleção brasileira por seu porte físico, o jogador conviveu com a perseguição e vaias da torcida Rubro Negra durante sua primeira passagem pelo time profissional em 2000. No ano seguinte, a diretoria atendeu aos pedidos dos flamenguistas e usou o atleta como moeda de troca com a Internazionale de Milão para ter Vampeta em seu elenco⁶⁵.

Uma nova vida começava para o garoto de apenas 18 anos, nascido e criado na Vila Cruzeiro, subúrbio do Rio de Janeiro. Idioma, hábitos alimentares, clima, modo de se vestir, tudo era diferente e novo para Adriano. Mas sua estrela brilhou mais alto e em sua estreia pelo time italiano em uma partida amistosa, o jogador deixou a impressão que nada disso iria atrapalhar-lo em sua jornada pela Europa. O então camisa 28 entrou no final do segundo tempo e, com apenas nove minutos em campo, marcou o gol da vitória sobre o Real Madrid⁶⁶, no estádio Santiago Bernabéu, na Espanha. Porém, o tento não foi suficiente para garantir uma vaga no time que já contava com os atacantes Ronaldo, Vieri e Recoba em seu elenco.

⁶¹ França eliminou o Brasil nas quartas de final por 1 a 0, gol de Henry.

⁶² Apelido dado pela imprensa italiana ao jogador quando jogava pela Internazionale de Milão

⁶³ Adriano iniciou na escolinha de futebol do Flamengo aos 12 anos e passou por toda categoria de base do clube, chegando ao time profissional em 2000.

⁶⁴ Após conquistar a torcida com seus gols e títulos em 2004, Adriano recebeu da imprensa italiana o apelido de Imperador, uma alusão ao imperador romano Públio Élio Trajano Adriano, que governou entre os anos 117 e 138.

⁶⁵ Vampeta tinha os direitos federativos ligados à Inter de Milão (40%) e ao Paris Saint Germain (60%). Enquanto Adriano foi para o time italiano, Reinado, outro atacante envolvido na negociação, foi para o time francês.

⁶⁶ 14 de agosto de 2001 – Real Madrid 1 x 2 Inter de Milão. A partida amistosa era válida pela taça Santiago Bernabéu.

Após 14 jogos e apenas um gol marcado em partidas oficiais, o jovem brasileiro acabou emprestado à Fiorentina, onde não impediu o rebaixamento e a falência do clube⁶⁷. Pela La Viola, Adriano disputou 15 jogos e marcou seis gols. Na temporada seguinte, o clube *nerazzurri*⁶⁸ vendeu 50% dos direitos federativos do jogador ao Parma pelo equivalente a oito milhões de reais na época.

Adriano tinha dois anos para provar que não era apenas mais uma eterna promessa do futebol brasileiro que não deu certo no velho continente. E conseguiu. Pelo Parma, em 44 jogos, marcou 26 gols. A boa fase do jogador somada à crise pela qual passou a Parmalat⁶⁹ foi determinante para sua volta à cidade de Milão. Para ter Adriano de volta, a Internazionale se dispôs a pagar 22 milhões de euros ao time de Florença, o que amenizaria a crise financeira.

Três anos depois de chegar à Europa, Adriano tinha nessa volta à Inter a chance definitiva para provar seu talento. Grande aposta do presidente do clube, Massimo Morati, para formar a dupla com Christian Vieri, o jogador não decepcionou. Com a camisa 10, o atacante balançou as redes nove vezes em 16 partidas do campeonato italiano de 2003/2004. Na temporada seguinte veio o primeiro título e a coroação. Em 42 jogos disputados, marcou 29 gols, conquistou a Copa da Itália e ganhou da torcida e da imprensa italiana o apelido de Imperador.

4.1 – O início na Seleção Brasileira

Com a imprensa e torcida ao seu lado, Adriano vivia a melhor fase de sua carreira. Os jornais europeus exaltavam o talento do jogador em suas capas, chegando a compará-lo ao ídolo Ronaldo. O diário italiano “La Gazzeta dello Sport” chegou a realizar uma pesquisa⁷⁰ entre ex-jogadores da Inter de Milão, que afirmaram que o Imperador superaria o Fenômeno. A lua de mel veio acompanhada com a convocação para disputa da Copa América de 2004, no Peru, onde seria o grande destaque e alcançaria seu auge como jogador profissional.

⁶⁷ Devido a uma dívida de 22 milhões de euros, a Fiorentina abriu processo de falência. Após quatro temporadas, o clube ressurgiu à Série A italiana.

⁶⁸ Apelido do torcedor da Internazionale de Milão

⁶⁹ A Parmalat era proprietária do clube desde 1991. Em 2004, a empresa decretou falência após se ver envolvida em um escândalo fiscal.

⁷⁰ Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/ultimas/efe/2004/09/21/ult1777u17039.jhtm>. Acesso em 10/02/2014

A Seleção Brasileira sempre esteve presente na vida do jogador. Campeão Mundial sub-20, em 1999; e Sul-Americano, em 2001, Adriano realizou o sonho de atuar a primeira vez pelo time principal quando ainda pertencia ao Flamengo. Convocado pelo técnico Emerson Leão para a partida contra a Colômbia⁷¹, no Morumbi, válida pelas Eliminatórias para Copa do Mundo de 2002 (Japão e Coreia do Sul), o atacante entrou no lugar de França no decorrer do jogo. Essa foi apenas a primeira experiência do jovem talento que já chamava a atenção no futebol brasileiro por seu estilo de jogo e porte físico⁷².

Apesar disso tudo, Adriano só passou a ser presença constante nas convocações a partir de 2003, com o técnico Carlos Alberto Parreira. Com o técnico, foi conquistando seu espaço aos poucos no time titular. Marcou seu primeiro gol pela seleção em um amistoso contra a Nigéria⁷³. Logo depois, o atacante fez parte da lista de jogadores chamados para disputa da Copa das Confederações de 2003, na França, mas seus gols não conseguiram evitar a eliminação do time canarinho ainda na fase de grupos.

Alternando entre o banco de reservas e o time titular, o Imperador foi buscando seu espaço até a Copa América de 2004, quando assumiu de vez a titularidade do ataque da seleção. Sem Ronaldo⁷⁴, liberado pela comissão técnica para descansar, Adriano assumiu para si a responsabilidade de levar o time ao título. Artilheiro da competição com sete gols, o atacante foi o autor do gol salvador nos acréscimos da final contra a Argentina, que levou a partida para os pênaltis e deu o título para o Brasil.

A alegria do Imperador não durou muito naquele ano. Um mês depois da conquista mais importante da carreira, em agosto, Adriano sofreu um baque do qual até hoje não conseguiu se recuperar: a morte do pai Almir Leite Ribeiro⁷⁵ após um ataque cardíaco. A fatalidade desestabilizou o atacante, que tinha na figura paterna seu principal conselheiro e grande responsável por controlar seus excessos.

E foram exatamente os excessos os responsáveis pela grande mudança na carreira do jogador. As noites viravam dias, amigos e mulheres se tornaram presenças constantes em suas festas homéricas tanto na Itália quanto no Brasil, as páginas de esporte foram

⁷¹ 15 de novembro de 2000 – Brasil 1 x 0 Colômbia. Gol de Roque Júnior

⁷² Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/bau-do-esporte/v/em-2000-emerson-leao-faz-primeira-convocacao-da-selecao-para-jogo-contra-a-colombia/2195757/>. Acesso em 13/02/2014

⁷³ 11 de junho de 2003 – Nigéria 0 x 3 Brasil, em Abuja.

⁷⁴ Jogadores do Real Madrid, Ronaldo e Roberto Carlos pediram dispensa da Copa América de 2004 alegando estarem cansados após uma temporada estressante pelo time merengue.

⁷⁵ Seu Almir tomava remédios para controlar a pressão, dores e convulsões causadas desde que tomou um tiro de bala perdida no complexo da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. Na época, Adriano tinha apenas 10 anos.

sendo substituídas pelas de fofocas e, principalmente, as policiais. O menino humilde que aprendeu a jogar bola nos campos de peladas de uma favela do Rio de Janeiro não soube lidar com o sucesso sozinho.

Após perder o pai, Adriano ainda conseguiu jogar em alto nível durante duas temporadas. Pela Inter de Milão, o atacante disputou 93 jogos e marcou 53 gols⁷⁶, alcançando uma média de 0,56 gol por partida. Na seleção brasileira, conquistou mais um importante título: a Copa das Confederações de 2005, novamente em cima da Argentina, o primeiro sem a presença do pai. Artilheiro e Bola de Ouro da competição, o Imperador elevava a seleção ao patamar de favorita à taça da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha.

Apesar da boa fase, Adriano chegou à competição totalmente fora de forma⁷⁷. Seu porte físico nem de longe lembrava o daquele artilheiro que encantou a torcida da Inter de Milão anos antes. Eram os primeiros sinais que indicavam a queda do Imperador que conquistou a Itália em plena República. Ao lado de Ronaldinho Gaúcho (então melhor jogador do Mundo)⁷⁸, Ronaldo Fenômeno e Kaká, o jogador formou o fracassado quadrado mágico da seleção⁷⁹. A eliminação para França encerrava a primeira e última participação de Adriano em Copas do Mundo.

Muito acima do peso, o Imperador passou a conviver com as constantes críticas da imprensa, tanto italiana quanto brasileira, e dos torcedores. Uma rotina que viria a acompanhar sua carreira a partir de 2006. Na Inter, os constantes atrasos e multas o tiraram dos planos do técnico Roberto Mancini e em 2008 acabou voltando ao Brasil para jogar no São Paulo por empréstimo. Era o primeiro dos muitos recomeços que o atacante iria ter na carreira.

A primeira passagem de Adriano pela cidade paulista foi até certo ponto positiva para o jogador, mas não deixou saudades para os dirigentes do clube. Visivelmente mais magro, o atacante marcou 17 gols em 28 jogos⁸⁰, uma boa média para quem já começava a ficar desacreditado para o futebol. Porém, fora de campo os problemas continuavam. O que chama a atenção é que na época os veículos de imprensa não noticiavam as escapadas e

⁷⁶ Disponível em: <http://www.ogol.com.br/jogador.php?id=1913&op=statseason>. Acesso em: 18/02/2014

⁷⁷ Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/videos/38206531533-parreira-fala-sobre-forma-fisica-de-ronaldo-e-adriano-em-2006>. Acesso em: 18/02/2014

⁷⁸ Disponível em: <http://pt.fifa.com/ballondor/archive/edition=1999902005/index.html>. Acesso em: 18/02/2014

⁷⁹ A seleção brasileira acabou eliminada nas quartas de final mais uma vez pela França por 1 a 0, gol de Henry. A responsabilidade da eliminação foi atribuída aos principais jogadores do elenco e a comissão técnica pela péssima condição física apresentada pelos atletas para o torneio. O time francês chegou à final contra a Itália, mas acabou com o vice-campeonato após disputa de pênaltis.

⁸⁰ Disponível em: <http://www.ogol.com.br/jogador.php?id=1913&op=statsteam>. Acesso em 20/02/2014

festas do jogador. O portal UOL só conseguiu detalhes de sua polêmica passagem pelo tricolor paulista após quase quatro anos, quando Adriano deixou o Corinthians. No próprio lide já é possível se observar um comportamento diferenciado em torno das polêmicas do jogador. O trecho “Bastou o atacante Adriano deixar o Corinthians para informações sobre o caso de indisciplina do atleta virem à tona”⁸¹ possibilita o leitor a pensar de duas formas: assessoria de imprensa do clube funcionou bem ou os veículos de comunicação fizeram vista grossa em relação às atitudes do jogador. Isso vai ser mais bem observado durante sua passagem pelo Corinthians.

Sem o desejo do São Paulo em renovar com o jogador ao final do vínculo, Adriano teve que retornar à Milão e foi reintegrado ao elenco *nerazzurri* pelo técnico José Mourinho, a quem considera um dos principais técnicos em sua carreira⁸². A volta até teve um início animador, mas o centroavante não estava disposto a tentar voltar a ser o Imperador que marcou nome na Itália. Em 2009, voltou a aprontar, dessa vez sumindo após ter sido deixado no banco de reservas pelo então técnico Dunga durante um amistoso contra o Peru⁸³, em Porto Alegre. Nesse mesmo ano, o Imperador rescindiu amigavelmente com o time italiano e anunciou que daria um tempo para o futebol.

A pausa não durou muito tempo e logo Adriano acertou com o Flamengo para disputa do Campeonato Brasileiro. Artilheiro da competição com 19 gols, o jogador terminou o ano consagrado como responsável, ao lado do sérvio Petkovic, por levar o time ao título após uma espera de 17 anos. Um ano depois, após fracasso na Copa Libertadores da Américas e muitas polêmicas e confusões, o atacante, que disputou 47 jogos e marcou 34 gols pelo time Rubro Negro, voltava ao futebol europeu, novamente em um time italiano, só que dessa vez com a camisa do Roma. A partir daí, o Imperador não voltaria a jogar mais em alto nível. Apesar de estar no elenco que conquistou o Campeonato Brasileiro pelo Corinthians em 2011, Adriano não conseguiu mais dar sequência à carreira. Em três anos, foram apenas três gols marcados⁸⁴. O último clube pelo qual jogou foi o Atlético-PR, onde voltou a se envolver em polêmica e acabou dispensado.

⁸¹Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/03/20/passagem-de-adriano-pelo-sao-paulo-teve-banho-da-ressaca-e-patrolha-por-bares.htm>. Acesso em 20/02/2014

⁸²Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/225/it%C3%A1lia/2009/02/01/1088541/adriano-mourinho-salvou-a-minha-carreira>. Acesso em: 20/02/2014

⁸³ Brasil 3 x 0 Peru – Beira-Rio, partida válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul.

⁸⁴ Dois gols pelo Corinthians, no Campeonato Brasileiro de 2011 e no Campeonato Paulista de 2012; e outro na Copa Libertadores da América de 2014, atuando pelo Atlético Paranaense.

4.2 – Relação com a imprensa

Desde que subiu para o time profissional do Flamengo, Adriano chamava a atenção pelo seu porte físico e por uma indiscutível qualidade com a perna esquerda. Nas convocações para seleção brasileira de base era figurinha certa, mas isso não era o bastante para os veículos de comunicação. A consagração e esse cerco ao jogador vieram somente após os gols e as boas atuações no continente europeu. Na Itália, graças a idolatria da torcida nerazzurri, a imprensa transformou o garoto da favela que sonhava conquistar o mundo com a bola nos pés no “Imperador de Milão”.

Surgia o herói brasileiro em terras italianas. A Internazionale tinha em seu plantel um valioso produto de marketing. Mas o sonho daquele jovem viria a se tornar pesadelo em poucos anos. Esse é o poder da imprensa, citado em *Futebol – Fenômeno Linguístico*, da autora Maria do Carmo L. de Oliveira Fernández. “A influência dos meios de comunicação na pré-fabricação desses heróis é considerável. A imprensa se encarrega de criar ídolos e lapidar sua imagem” (FERNANDEZ, 1974, p. 26)

Hoje em dia, com a facilidade proporcionada pela velocidade com que as informações circulam na internet, principalmente através das redes sociais, esse processo ficou muito mais comum. O conceito de ídolo perdeu sentido quando jogadores com qualidade discutível são alçados ao estrelado após marcarem gols em dois ou três jogos, sendo vendido rapidamente para algum time desconhecido do continente europeu ou dos Emirados Árabes.

Com qualidade acima da média dos jogadores, Adriano sofreu com os problemas extracampo. O jogador sentiu na pele as consequências da fama. Com a mesma rapidez com que dão ao jogador status de herói, os veículos de comunicação também têm podem torná-los vilões. À medida que conquistava as páginas de jornais com seu talento, a cobrança ficava maior. Os torcedores nas arquibancadas serviam como um termômetro para a mídia esportiva. O camisa 10 da Inter de Milão tinha que se reinventar a cada partida. A imprensa marcava em cima, de forma mais incisiva do que qualquer zagueiro que tenha enfrentado em sua carreira. Os deslizes fora de campo eram um prato cheio para a ala sensacionalista. Se as manchetes positivas já vendiam jornais, as negativas atraíam muito mais.

Enquanto o Imperador teve forças para mostrar seu talento dentro de campo, conseguiu afastar as críticas. Só que chegou um momento em que seu império começou a ruir e com isso começaram a aparecer os questionamentos. Os jornais europeus passaram a buscar explicações para a que de rendimento de uma dos principais jogadores da Inter de Milão. Iniciou-se uma caça às bruxas e o então ídolo *nerazzurri* sucumbiu ao próprio sucesso.

Fotos das grandes festas dadas pelo Imperador em sua residência particular vazaram para imprensa e chegaram a ser publicadas em diversos jornais mundo a fora. O sueco *Sport Bladet*⁸⁵ é um exemplo dos tabloides que apelaram para essa prática. Em sua capa da edição do dia 14 de outubro de 2006, o atacante aparece sem camisa e rodeado de mulheres. A perseguição ao jogador na Europa foi grande e só deu uma amenizada quando o São Paulo o contratou por empréstimo de seis meses para a disputa da Copa Libertadores de 2008.

Nessa primeira passagem pelo futebol paulista, Adriano conseguiu um sossego. A imprensa local tratava seu retorno aos gramados como um sinal de reabilitação. As notícias sobre suas noitadas só vieram à tona quando o atacante foi dispensado do Corinthians, em 2011. Dirigente do São Paulo naquela época, João Paulo de Jesus Lopes assumiu, em matéria publicada pelo portal de notícias UOL, do dia 20 de março de 2013 as indisciplinas cometidas pelo jogador. “O Adriano fez muitos gols quando esteve aqui, mas ele teve alguns atrasos que atrapalharam no ponto de vista disciplinar, pois tínhamos que dar exemplo ao restante do grupo”⁸⁶.

Setorista do Flamengo na época em que o jogador passou pelo clube em 2009, Eduardo Peixoto faz uma breve análise sobre esse período entre a saída do São Paulo, a “aposentadoria” e a chegada ao clube carioca.

Em 2008, ele esteve no São Paulo e, aos olhos da imprensa paulista, estava em franca reabilitação fazendo gols, em forma, etc. No ano seguinte, ‘aposentou-se’ provisoriamente por problemas psicológicos. Quando voltou ao Flamengo, teve um monitoramento constante dos jornalistas cariocas. Notou-se que o atacante exagerava no álcool, nas noitadas e faltava semanalmente aos treinos. Ou seja, o comportamento fora de campo influenciava no dia a dia no trabalho. Depois, no auge da discussão sobre os problemas dele, um ex-dirigente do São Paulo revelou que escondeu várias faltas do Imperador durante a passagem pelo Morumbi. Na minha opinião, os setoristas de São Paulo que não

⁸⁵ Ver anexo

⁸⁶ Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/03/20/passagem-de-adriano-pelo-sao-paulo-teve-banho-da-ressaca-e-patrolha-por-bares.htm> Acesso em: 23/04/2014

souberam (ou não quiseram) divulgar a informação cometeram um erro de apuração (PEIXOTO, 2014)

Com o fim do empréstimo, o Imperador retornou à Inter de Milão e voltou a ter problemas com a imprensa e o clube. A gota d'água para os dirigentes de Milão foi o sumiço após participar de amistoso pela seleção brasileira. O Flamengo então abriu as portas ao jogador em 2009. De volta ao Rio de Janeiro, Adriano logo pode perceber a diferença no tratamento da torcida e da imprensa carioca em sua apresentação. Principal contratação do time naquele ano, o atacante carregava a responsabilidade de voltar a atuar em alto estilo e deixar de lado a imagem polêmica que adquiriu.

Adriano mostrou naquele ano que não tinha desaprendido a jogar futebol e poderia ser muito útil ao time. Conquistou o título brasileiro sendo o artilheiro do campeonato com 19 gols. Porém, a imagem de jogador polêmico foi ainda mais explorada pelos jornais cariocas. A imprensa do Rio de Janeiro tratou o jogador como um verdadeiro superstar. As páginas de esportes não suportavam a demanda de notícias que o Imperador gerava. Suas incursões à favela da Vila Cruzeiro, onde nasceu e cresceu, eram o alvo preferido dos jornalistas.

Houve uma diferença tanto no tratamento da imprensa quanto dos torcedores do Corinthians. O Adriano é um caso típico de jogador 'glamourizado' no Rio de Janeiro e cuja aura de 'estrela' a imprensa paulista não compra (PEIXOTO, 2014)

Entre maio de 2009 e março de 2010, ano em que o jogador se transferiu para o Roma, da Itália, Adriano esteve envolvido nas mais diversas polêmicas. Enquanto seu relacionamento conturbado com Joana Machado era noticiado na área de entretenimento, as páginas policiais exploravam o envolvimento com traficantes da facção criminosa que dominava a área onde foi criado na Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. No esporte, as polêmicas não ficaram de lado. Apesar das boas atuações, os diários e sites especializados em esporte, principalmente *LANCE!* e *Globoesporte.com*, insistiam em destacar as faltas do jogador que iam virando uma constante nos treinos do time.

Aqui no Rio, os jornais populares – Extra e Meia Hora – e os sites exploram a imagem de 'Imperador' e isso significava um patrulhamento 24 horas por dia em busca de manchetes. De tanto os veículos fuçarem, o atacante deixou de ser um personagem esportivo e de fofoca e parou nas páginas policiais. Na audiência isso também se refletiu. O Adriano do

Flamengo foi muito mais atrativo e gerou muito mais interesse do que o Adriano do Corinthians. (PEIXOTO, 2014)

O título do Campeonato Brasileiro de 2009 pode ser considerado seu último suspiro no futebol. A passagem vitoriosa pelo Flamengo também trouxe consequências ruins para carreira do jogador, que mesmo atuando fora do país, teve seu nome estampado nas manchetes dos principais jornais brasileiros, mas não pelo futebol apresentado. Se as atuações não empolgavam a imprensa a ponto de ganhar destaque, a imprensa italiana reproduzia as polêmicas noticiadas no Brasil. Exemplo disso foram as fotos do jogador cerveja durante o tempo em que esteve no Rio de Janeiro para tratamento de uma lesão no ombro direito publicadas nos jornais cariocas, que chegaram até o italiano *Corriere Dello Sport*⁸⁷. A relação entre o clube e o jogador que já não era das melhores, passou a se encaminhar para um fim com a rescisão de contrato.

Adriano voltaria ao Brasil em 2011 e novamente em São Paulo. A missão agora seria recuperar o bom futebol esquecido nos tempos de Flamengo jogando no time mais popular da cidade paulista. No Corinthians a cobrança da torcida somada a da imprensa seria muito maior do que na passagem anterior. O Imperador precisava conquistar seu espaço com a imprensa local, que já tinha um pé atrás com o jogador devido às passagens anteriores, inclusive o São Paulo. Já estavam calejados. O desafio seria ainda maior porque havia a sombra de ser mais uma vez substituto de Ronaldo Fenômeno, a exemplo da seleção. A lesão no tendão de Aquiles um mês após assinar contrato praticamente acabou com a esperança da torcida e do próprio jogador em fazer sucesso na nova passagem pelo futebol paulista. Adriano viveu uma fase de coadjuvante. Os jornalistas paulistas que já não possuem o hábito de cobrir a vida de jogadores deixaram de lado mais uma vez as polêmicas extracampo causadas pelo jogador, tanto que as faltas às sessões de fisioterapia só vieram ao conhecimento público cinco meses depois de sofrer a lesão⁸⁸. O fato é que o atacante não deixou de ser o jogador boêmio que sempre foi, mas teve mais liberdade para fazer o que queria, aproveitando-se da característica da cobertura da imprensa esportiva paulista.

Os gastos para recuperar o centroavante sem retorno dentro de campo, as seguidas polêmicas nas quais se envolvia e a falta de interesse do jogador, levaram o Corinthians a

⁸⁷ Disponível em: http://www.corrieredellosport.it/calcio/serie_a/roma/2011/02/08-154836/Roma%2C+Adriano+a+Rio%3A+prima+sosta+in+birreria Acesso em 25/04/2014

⁸⁸ Disponível em http://www.correiadoestado.com.br/noticias/comentarista-diz-que-adriano-faltou-a-42-sessoes-de-fisioter_126480/ Acessado em 27/04/2014

rescindir o contrato de Adriano em Março de 2012. Chegava ao fim mais uma passagem pela cidade de São Paulo e se deixar saudades nos jornalistas novamente. A partir daí foram dois anos sem clube. O Imperador deixou por completo as páginas de esporte e tornou-se figurinha carimbada nas sessões de fofocas. O repertório de notícias variava entre os seguidos relacionamentos, filhos e festas das quais participava. Muitos já o consideravam ex-jogador como mostra a matéria do *Globoesporte.com*: “*S.O.S Adriano: empresário age e tenta adiar aposentadoria do Imperador*”⁸⁹.

O retorno aos gramados só veio acontecer dois anos depois de ser dispensado pelo time paulista. Após a negociação entre Adriano e o Internacional de Porto Alegre não ter dado certo, o Atlético-PR abriu as portas para o jogador se recuperar no clube. O empenho e a boa forma conquistada através da dedicação mostrada logo no início do período de treinamento foram apenas uma ilusão. Antes de assinar o contrato, o Imperador voltou às polêmicas. O sumiço depois de ser liberado para acompanhar o nascimento da filha no Rio de Janeiro mais uma vez virou notícia de jornal na cidade carioca⁹⁰. Mesmo com a desconfiança após o episódio, os dirigentes do clube paranaense apostaram na contratação do atacante, que assinou contrato de risco para disputa da Copa Libertadores da América de 2014. A relação não durou muito tempo. O gol contra o The Strongest, encerrando o jejum de 773 dias sem marcar em jogos oficiais⁹¹, mais uma vez enchia de esperança os fãs do atacante, mas não passou disso. Poucos dias depois, flagrado em um show em uma casa de festa curitibana, Adriano teve seu contrato rescindido pelo clube.

4.3 – Vida Profissional x Vida Pessoal

A população sempre esteve acostumada a acompanhar a vida de celebridades, em geral artistas e músicos. O jogador de futebol dificilmente era tido como um personagem cuja vida interessasse às pessoas. De certa forma isso sempre deu uma liberdade maior a essa classe. Basta observar matérias antigas para comprovar que não possuíam tanta pressão em relação a sua vida extracampo como hoje em dia. Era comum um repórter ter livre acesso aos vestiários e até mesmo eventos fechados nas casas dos atletas, como

⁸⁹ Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/08/sos-adriano-empresario-age-e-tenta-adiar-aposentadoria-do-imperador.html> Acessado em 27/04/2014

⁹⁰ Disponível em <http://extra.globo.com/famosos/retratos-da-bola/adriano-imperador-reaparece-em-restaurant-no-rio-11438541.html> Acessado em 27/04/2014

⁹¹ Disponível em <http://esportes.terra.com.br/atletico-pr/adriano-encerra-jejum-e-volta-a-fazer-gol-apos-773-dias.9889b3e28c345410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acessado em 27/07/2014

churrascos e festas. Isso foi mudando ao longo do tempo e nos dias de hoje acabam sofrendo com a falta de privacidade, ainda mais quando são destaques em seus times.

Um dos principais motivos para o surgimento dessa “perseguição” extracampo feita por repórteres e, principalmente, torcedores faz parte do grau de importância que o esporte tomou não só no país, mas no mundo inteiro. O futebol atualmente movimentava bilhões em dinheiro e tem um dos seus eventos – a Copa do Mundo – como o mais assistido mundialmente. Associado a isso, tem o fato da busca incessante por notícias que possam entreter o público e aumentar a audiência. Isso faz com que repórteres façam do extracampo uma fonte para suas matérias. A imprensa brasileira, em especial a carioca, tem esse poder de glamourizar qualquer jogador que tenha um relevante destaque. Para o jornalista Eduardo Peixoto, um pensamento polêmico, porém válido dependendo da argumentação.

Os chamados “jogadores problemas” sempre foram os alvos preferidos da imprensa. Dentro de campo um talento inquestionável, fora dele atitudes que geram polêmicas. De Garrincha e Heleno de Freitas a Adriano, Ronaldinho Gaúcho e Neymar, passando por Romário, Edmundo e Ronaldo, todos, independentemente da época, foram ou ainda são personagens que geram manchetes nos principais veículos de comunicação.

Heleno de Freitas, aliás, foi um caso muito semelhante ao de Adriano. Ex-jogador de Botafogo, Vasco e Seleção Brasileira na década de 1940, Heleno era talentoso, mas com temperamento difícil de se lidar. O envolvimento com as drogas encurtou seu futuro promissor. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o atacante foge às características do jogador de futebol profissional atual, mas o seu fim melancólico é o retrato de como ídolos no país conseguem ser esquecidos com facilidade. Autor de *Nunca houve um homem como Heleno*, Marcos Eduardo Neves enxerga algumas semelhanças e diferenças entre o personagem principal de seu livro e o jogador Adriano.

Heleno e Adriano foram estrelas do futebol brasileiro, goleadores, astros de primeira grandeza nos clubes por que passaram e também na seleção brasileira. Além disso, tiveram problemas extracampo que afetaram o rumo de suas trajetórias. De diferente, Adriano teve a chance de jogar uma Copa do Mundo e desperdiçou outras. Heleno não teve essa chance. Outra diferença é que Adriano segue o padrão clássico do jogador de futebol brasileiro, que vem de família pobre e ascende por seu talento com a bola. O Heleno, não. Ele nasceu em berço de ouro e não precisaria do futebol para ascender profissionalmente (NEVES, 2014)

A mistura sucesso e polêmicas foi perfeita para que Adriano começasse a chamar a atenção não só da imprensa esportiva como também da especializada em cobrir celebridades. O Imperador foi apenas mais uma vítima do comportamento que apresentou fora dos gramados. Mesmo sem clube, Adriano continua chamando a atenção dos veículos de comunicação. Cada foto postada em rede social, cada movimento, cada saída, tudo é constantemente monitorado e acaba virando notícia. Os seus gols já não interessam tanto quanto seus goles em uma cerveja. O atacante tornou-se somente um produto que aumenta a venda de jornais, cliques em sites ou a audiência de programas televisivos, principalmente quando são veiculados no Rio de Janeiro⁹².

⁹² Em anexo, algumas capas de jornais mostram como o comportamento de Adriano chama a atenção não só do esporte, mas também de outras editorias.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa esportiva brasileira, assim como o futebol, evoluiu bastante não só em relação aos equipamentos e estrutura, mas também em sua forma de cobrir algum fato ou evento. A imparcialidade ganhou espaço e tornou-se praticamente um mantra repetido sempre que alguém questiona uma matéria contra seu clube ou a ideia que possui sobre o que é certo e errado. Todas essas mudanças fizeram com que o jornalismo esportivo perdesse um pouco de sua essência, ficando mais frio e distante do torcedor. Antes escancarado, o bairrismo assumiu uma forma mais comedida e acabou sufocado pela ditadura do politicamente correto.

Um dos principais motivos para essa transformação foi a mudança de pensamento do torcedor brasileiro, que deixou de enxergar o esporte apenas como um entretenimento. A vitória passou a se tornar mais importante do que a atuação do time. É muito comum assistir aos comentaristas de programas esportivos criticarem a postura de um time por não ter vencido determinado jogo mesmo tendo jogado bem. Exalta-se esquema tático, mudanças feitas como se fosse um jogo de xadrez e técnico cheio de estratégias.

O crescimento econômico do futebol também passou a chamar a atenção de todos e com isso as cobranças aumentaram. Jogadores tornam-se milionários da noite para o dia e junto com a fama e o sucesso vieram as cobranças. Folgas monitoradas, declarações pré-determinadas por assessores de comunicação, críticas às atuações abaixo do esperado. Isso mostra que aquele medo da elite antes da profissionalização de que o dinheiro influenciasse no comportamento futebolístico dos jogadores no Brasil se concretizou décadas mais tarde. Nos dias de hoje, atletas são praticamente adestrados para passarem a imagem de bom moço e assim faturar mais com contratos de publicidade.

O caso do jogador Adriano, analisado nesta monografia, torna-se ainda mais emblemático no Brasil pelo fato de servir de espelho para grande parte dos meninos que tentam a sorte hoje no futebol. Nascido em uma favela, o garoto alcançou o sucesso, mas não soube lidar com a nova vida e as cobranças da vida de uma celebridade e sucumbiu ao próprio talento. O Imperador, assim como outros jogadores, construiu sua carreira em cima da imagem polêmica de boleiro malandro e boêmio. Tanto na Itália quanto no Rio de Janeiro e em São Paulo, os repórteres responsáveis pela cobertura esportiva sabiam que tinham nele uma fonte inesgotável de pautas. A diferença estava na forma como cada veículo de comunicação dos países e estados pelo qual passou o usavam para atender o interesse do seu público.

No continente europeu, onde o atacante tornou-se o Imperador ao conquistar os torcedores da Internazionale de Milão, os jornais exploraram ao máximo sua imagem até o momento em que ela não chamava mais tanto a atenção do fã nerazzurri. Já em São Paulo, tanto a imprensa quanto a torcida não o enxergava como um jogador com potencial para vir a se tornar ídolo, mas sim como um jogador em recuperação. A forte identificação com o Flamengo, clube o qual ele nunca negou que foi sempre o principal objetivo em jogar, ajudou nessa pequena rejeição, principalmente em relação aos torcedores. Em sua apresentação não houve festa ou confete, a cobertura seguiu os padrões de sempre e foi linear, mesmo na época em que foi contratado pelo Corinthians, clube que, assim como o Flamengo no Rio de Janeiro, tem o status de ser protegido da imprensa.

Era na capital fluminense que o atacante estava em casa. A imprensa carioca, conhecida por glamourizar seus personagens, sabia todos os seus passos e o monitorava facilmente. Além disso, a própria população possui mais interesse na vida do jogador do que o resto dos lugares. Não importa se Adriano atua ou não. Da página de esportes a policial, passando pela sessão de fofocas, em todas sobrava um espaço para noticiar algo sobre ele.

O fato é que o bairrismo, a cobertura tendenciosa e outros males que existem nos veículos de comunicação continuarão atingindo os milhões de fã do esporte enquanto o consumidor de notícias não mudar o comportamento e passar a selecionar o que quer ler, ouvir ou assistir. A partir do momento que ele “compra”⁹³ a notícia que o desagrada, está incentivando a continuação de dessas condutas. O jornalismo atual vive de números, sejam eles de venda, audiência ou clique, e isso não mostra o que realmente interessa ou não ao torcedor.

A crise que atinge o jornalismo brasileiro não é exclusividade da editoria de esporte. Todas essas transformações citadas no trabalho não significam uma evolução no setor. Os profissionais de comunicação sofrem cada vez mais com as cargas horárias excessivas, acúmulos de funções e salários que não condizem com a responsabilidade do trabalho. É preciso que a classe, hoje desunida, esqueça todas as diferenças e comece a lutar pelos seus direitos. Infelizmente, oportunidades como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, todos realizados no Brasil, não serão aproveitados para a implementação de mudanças mais profundas.

⁹³ O comprar nesse caso está ligado ao consumo da notícia através do jornal, rádio, televisão ou internet

6 – Referências Bibliográficas

- CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial - Memória do Futebol Brasileiro*. IBRASA, São Paulo, 1990.
- CAPINASSU, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: IBRASA: 1988
- CREPALDI, Daniel Damasceno. *A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.
- FERNÁNDEZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. *Futebol – fenômeno linguístico*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Documentário, 1974
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GOLDBLATT, David. *The Ball is round: A global history of football*. Londres: Penguin Books, 2007
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KONDER, Cristina. *Um olhar feminino no Jornal dos Sports*. In *Jornalismo Esportivo: os craques da emoção*. Cadernos da Comunicação - Série Estudos, no. 11. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004
- Lancepédia: *A enciclopédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: LANCE! Publicações, 2009.
- MÁXIMO, João. *Brasil, um século de futebol arte e magia*. Rio de Janeiro, Aprazível Ed, 2005/2006.
- MEINICKE, Thaís. *Imprensa Esportiva carioca: surgimento, modernização e segmentação*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011
- MELO, Victor Andrade de. *Remo, modernidade e Pereira Passos: Primórdios das políticas públicas do esporte no Brasil*. Esporte e sociedade, número 3. Julho/Outubro, 2006.
- MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *Uruguai 1930. A cobertura da imprensa brasileira na primeira Copa do Mundo*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013
- NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Organização, estudos e notas do Prof. Ivan Cavalcanti Proença. 2ª edição. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974.

OLIVEIRA, Guilherme. *Preciosa imprecisão: Crônica e futebol no Brasil*. UnB: 2011.

PLAISANCE, Patrick Lee. *Ética na comunicação: princípios para uma prática responsável*. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Penso, 2011.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: História s da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SILVA, Eliazar João. *Bola na Rede*. Assis: UNESP, 2000. P.10

STYCER, Maurício. *História do Lance! – Projeto e prática do jornalismo esportivo*. São Paulo: Alameda, 2009

Rio de Janeiro (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. *Jornalismo esportivo: os craques da emoção/ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro*. – Rio de Janeiro: A Secretaria: 2004.

WEBSITES

Globoesporte.com:

<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Flamengo/0,,MUL1576141-9865,00->

[DEZ+ANOS+DEPOIS+ADRIANO+REENCONTRA+AS+VAIAS+RUBRONEGRAS+CONTRA+O+CARACAS.html](http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Flamengo/0,,MUL1576141-9865,00-DEZ+ANOS+DEPOIS+ADRIANO+REENCONTRA+AS+VAIAS+RUBRONEGRAS+CONTRA+O+CARACAS.html)

<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA653142-4274,00.html>

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2011/12/dramas-e-polemicas-o-historico-do-conturbado-imperio-de-adriano.html>

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2012/05/sem-dar-justificativa-adriano-some-de-sessoes-de-fisioterapia.html>

<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2012/04/exeter-quer-comemorar-os-100-anos-do-primeiro-jogo-da-selecao-brasileira.html>

Lancenet: <http://www.lancepedia.com.br/jogadores/adriano-3/>

UOL:

<http://esporte.uol.com.br/ultimas/efe/2004/09/21/ult1777u17039.jhtm>

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/03/20/passagem-de-adriano-pelo-sao-paulo-teve-banho-da-ressaca-e-patrolha-por-bares.htm>

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/03/31/adriano-diz-que-nao-joga-mais-na-europa-e-fala-em-perseguido-foto-boa-nao-sai.jhtm>

<http://copadomundo.uol.com.br/historia-da-copa/1930-uru-guai/brasil-na-copa/>

Estadão: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,imprensa-italiana-nao-poupa-criticas-a-fracasso-de-adriano-no-corinthians,847807,0.htm>

Terra: <http://esportes.terra.com.br/copaamerica2004/interna/0,,OI341698-EI3499,00.html>

<http://www.terra.com.br/istoe gente/349/reportagens/adriano.htm>

Esporte Interativo: <http://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/o-que-destruiu-o-imp%C3%A9rio-de-adriano--213148244.html>

Veja Rio: <http://vejario.abril.com.br/especial/jogador-adriano-tiro-658391.shtml>

Campeões do futebol:

<http://www.campeoesdofutebol.com.br/especial46.html>

http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_rgsul.html

<http://www.campeoesdofutebol.com.br/especial37.html>

http://www.campeoesdofutebol.com.br/brasil_sumula1_1914.html

http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_selecao_brasileira.html

O gol: <http://www.ogol.com.br/jogador.php?id=1913&op=statsteam>

Blogs da Gazeta Web: <http://blogsda gazetaweb.com.br/arivaldomaia/jogadores/a-volta-por-cima-de-quem-saiu-vaiado-em-2001>

IG: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2012-09-05/salario-de-adriano-sofre-declineo-de-95-em-quatro-anos.html>

Observatório de Imprensa:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed731_infelicidade_ou_parcialidade

Goal: <http://www.goal.com/br/news/225/it%C3%A1lia/2009/02/01/1088541/adriano-mourinho-salvou-a-minha-carreira>

Zero Hora:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/rs/cracknempensar/19,0,2186904,Presidente-da-Inter-de-Milao-elogia-Adriano.html>

Ludopédio: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/1185>

Memória do esporte na imprensa:

<http://www.anima.eefd.ufrj.br/imprensa/consulta/fonte.asp>

FIFA: <http://www.fifa.com/world-match-centre/nationalleagues/nationalleague=italy-serie-a-2000000026/news/newsid/104/729/4/index.html>

ANEXO I – VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Essa primeira parte dos anexos será destinada aos exemplos dos veículos de comunicação utilizados no texto, como artigos, capas de jornais ou matérias. Da elite a popularização do esporte, a intenção é mostrar a forma como a imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo cobriu o futebol desde o final do século XIX até os dias de hoje. Alguns casos do jogador Adriano são listados para dar uma visão melhor sobre o tema discutido neste trabalho.



No tempo das seleções e

A bronca do futebol paulista. A cebola dos cariocas. A volta por cima dos clubes

■■■ Campeonato brasileiro: quem te viu, quem te vê! Vinte e dois clubes na A, mais vinte e dois na B, e oito meses de estrada, em busca de dois títulos de dimensão nacional.

Venho de outras eras. Nas décadas de 40 e 50, os clubes só tinham vez no plano estritamente paroual. O profissionalismo mal despontava no Brasil. Vivíamos o reinado das seleções estaduais, uma competição de alto nível técnico que apaixonava o país. Cada estado tinha a sua seleção, formada pela fina flor dos times locais, com predominância, naturalmente, de jogadores do campeão da cidade. Pra variar, o título de campeão brasileiro acabava saindo do confronto entre Rio e São Paulo, os dois centros que então dividiam a hegemonia do futebol nacional.

Heleno de Freitas, que tinha horror a cebola, pegara seu próprio carro e viajara, sozinho, pro Rio, indignado

A decisão era em duas partidas, uma, no Pacaembu, outra, em São Januário. A rivalidade soltava fagulhas, tanto nas arquibancadas como nas colunas dos jornais e na gritaria dos esportes de rádio.

O padrão técnico era esplêndido. Só tinha fera nas duas equipes. Ao longo dos tempos, você olhava e via, de um lado, Luizinho, do outro, Zizinho, dois excepcionais meias de ligação. Lá na frente, quando não era Heleno de Freitas, era Ademir Menezes, goleadores da melhor extração. Na seleção paulista, pontificava, entre outros, Leônidas da Silva, herói do São Paulo.

Volto ao Heleno pra contar um caso que ele criou, quando a seleção carioca estava concentrada em São Paulo, na véspera de uma final contra os paulistas, anos 40.

Hora do jantar. Heleno, estrelíssimo, conhecido por mil idiosincrasias, é um dos primeiros a sentar à mesa. No que senta, vê, diante dele, um prato de salada verde toda recoberta de rodela de cebola. Heleno tinha horror a cebola. Quem de testa cebola não suporta nem o cheiro.

Num rompante de indignação, Heleno levanta da mesa, xingando Deus e o mundo. Sai da sala, chutando cadeira.



Passados os primeiros momentos de mal-estar no restaurante, os subalternos da seleção recebem ordem da chefia pra ir atrás do homem. Não o encontram nem no quarto, nem mesmo no hotel. Heleno apanhara a mala de mão, pegara seu próprio carro e viajara, sozinho, pro Rio. Seria recambiado, no dia seguinte, trazido, pes-

A torcida dos bairros da zona sul ia pro campo do Vasco no bonde de São Januário, que entrou pro folclore do futebol

soalmente, pelo sobrinho de Getúlio Vargas, Vargas Neto, que era o presidente da Federação Carioca.

Segunda-feira, a delegação carioca desembarcava, no Rio, contando que o trote do prato tinha sido encomendado ao cozinheiro pelos próprios colegas de seleção que sabiam da ojeriza que Heleno tinha por cebola.

Os jogos entre paulistas e cariocas eram sempre emocionantes. Como não havia transmissão de tevê, domingo de jogo no Pacaembu, eu me mandava cedinho pra São Paulo, dirigindo o meu Fusquinha azul. Pra ver o jogo do Rio era bem mais fácil. Dava pra ir de bonde. A torcida dos bairros da zona sul ia pro campo do Vasco no bonde de São Januário. Por sinal, um bonde que entraria no folclore do futebol carioca pela irreverência de uma paródia com que as outras torcidas provocavam a do Vasco: "O bonde de São Januário / leva um português otário / Pra ver o Vasco apanhar..."

Foi na seleção do Rio que o torcedor carioca descobriu Garrincha, embora o ponta botafoguense já levasse à loucura os laterais dos outros times da cidade. A rejeição era coisa da paixão clubística. Os craques da seleção, todos, sem exceção, consideravam Garrincha um verdadeiro fenômeno. Um dia, a seleção carioca treinava no campo do Vasco. Era véspera de mais uma decisão com os paulistas. Martim Francisco, técnico metido a intelectual, fazia uma preleção no grande círculo do

Armando Nogueira responde perguntas sobre futebol e outros esportes. Escreva para a revista LANCE A MAIS, seção **UM OLHAR...**
Rua Santa Maria, 47, CEP 20211-210, Rio de Janeiro (RJ); ou Rua Bernardo Wrona, 339, CEP 02710-060, São Paulo (SP); ou mande um e-mail

staduais

campo. Zinho, o astro principal da seleção, faz um sinal, chamando Garrincha pra perto dele: - Nenem, pega uma bola e fica brincando, ali do lado. Essa conversa está meio complicada. Vai brincar com a bola. Isso pode fundir tua cabecinha...

Garrincha saiu mesmo de fininho. O técnico não passou recibo.

O que tornava mais explosiva a rivalidade entre as duas maiores forças do nosso futebol era que a sede da CBD (depois, passaria a CBF) ficava no Rio e era comandada por cartolas ligados aos grandes clubes do Rio. Os paulistas, naturalmente, viviam de pé atrás. Suspeitavam de favorecimento aos cariocas. E, a

Com a bandeira da própria sobrevivência, os clubes acabaram com o nacional de seleções

meu ver, a desconfiança de São Paulo não era de toda impropriedade. Na hora da seleção nacional, havia sempre uma queda pelos craques do Rio. O treinador era sempre de uma equipe carioca. E, tanto na convocação quanto na escalação, a balança pedia mais pro prato carioca...

Verdade seja dita: quem viria acabar com partidarrismos seria justamente um carioca: João Havelange; o novo presidente da Confederação, que decidiu entregar o comando da seleção ao paulista Paulo Machado de Carvalho, sob cuja liderança o Brasil conquistaria os títulos de 58, na Suécia, e de 62, no Chile.

Com a bandeira da própria sobrevivência, os clubes acabaram com o campeonato nacional de seleções e começaram a dar força ao torneio Rio-São Paulo, que era um projeto elitista por excelência. Ignorava solenemente o resto do país e restringia o intercâmbio a uma disputa tipo ponte-aérea entre duas cidades.

Mas, é inegável que o torneio Rio-São Paulo entraria na história como o primeiro passo de uma longa marcha-batida que culminaria na implantação do campeonato brasileiro de clubes.

Tudo bem, a causa era boa, mas que eu tenho saudade das seleções estaduais, ah, eu tenho sim, e não é pouca.



FALCOU Não fui feliz no São Paulo porque o técnico Leão não gostava de mim

PALAVRAS DO ATACANTE **FALCÃO**, SOLTANDO O VERBO CONTRA O TÉCNICO LEÃO QUE, SEGUNDO AS MÃS LÍNGUAS, NÃO DEU CHANCE AO REI DO FUTSAL NO TIME DO SÃO PAULO

E DISSE

VIAJANDO

don balon

ESPAÑA

O tempo e o Robinho

A revista espanhola "Don Balon" não está dando a mínima bola pra quem diz que Robinho não vai pra Espanha, este ano. Tanto que põe o craque na capa de seu último número, dando como iminente a transferência pro Real Madrid. O Santos, por sua vez, diz que o assunto está encerrado: Robinho fica, no Brasil, até o fim de 2006.

Só o tempo dirá com quem está a verdade.

BOA LEITURA

Um planeta de semelhanças

Se alguém acha que torcedor gangster é coisa nossa, só brasileira, está redondamente enganado. Acabo de ler o excelente livro do jornalista e escritor Franklin Foer, "Como o Futebol Explica o Mundo", fruto de uma excelente pesquisa e de muitas viagens.

Leia este pequeno trecho:

"O Estrela Vermelha, de Belgrado, é o time de futebol mais amado e de maior sucesso da Sérvia. Como quase todo clube da Europa e da América Latina, tem o apoio de uma torcida indisciplinada, capaz de atos de terrível violência. Mas, no Estrela Vermelha, os torcedores violentos ocupam um lugar de honra e, mais que isso: reúnem-se com dirigentes do clube para atualizarem o plano de ação de suas gangues."



FRANKLIN FOER FOI TRADUZIDO POR CARLOS ALBERTO MEDEIROS. O LIVRO É DA JORGE ZAHAR EDITORES

O museu da alma nacional

LEONEL KAZ

Há uma bola na bandeira do Brasil. Essa imagem poderia nos levar à analogia que louva o futebol como algo típico do brasileiro, patrimônio do carnaval ou do jogo do bicho. Não é bem assim. Nosso futebol não foi uma dádiva, mas uma conquista. Uma das raras "guerras" internas em que o povo entrou e venceu. Venceu e se apropriou de algo implementado pelas elites que pretendiam fazer do futebol um traço da "raça" brasileira sadia, "embranquecida". O país negro e mestiço não podia existir dentro das quatro linhas do campo, apressavam os introdutores do esporte entre nós, na década seguinte à Abolição e à República. Porém, se antes era apenas testemunhado à distância pela população mais pobre, reunida lá no alto dos muros cariocas e nas várzeas paulistas, o futebol transformou-se num apaixonado triunfo de todos. Um raro pertencimento coletivo a que se entregaram os brasileiros.

Ocorre que, se nossas escolas não cultuam os valores de origem, os valores de nossa formação étnica, nem incentivam o orgulho de nossa mestiçagem, quem o faz? Quem conhece sua herança cultural, que não a de branco europeu? Quem se assume como mestiço, cabuto, melado, indio? Difícil, portanto, estabelecer vínculos de solidariedade e coesão que nos levem a estruturar um país que, de fato, pertença a todos.

Sobretudo a identificação geral proposta pelo futebol, porque esta é uma história comum. O futebol, esse país que existe em nós, não nos foi dado, mas apropriado.

Pois o futebol para aqui veio bem no finalzinho do século XIX, bem próximo ao avórcer que o século seguinte traria das explosões inventivas. O ritmo da vida deixava a previsibilidade de lado. Tudo passava a ser fruto do inesperado, os atos passavam a ser menos controlados pela regularidade da vida cotidiana e mais pelos imprevistos, pela urgência, pelo movimento incessante, pelo ritmo percussivo das máquinas e ruidos das cidades.

O futebol era um esporte adequado para um mundo que estava sendo ponto de perdas para o ar. Um mundo em que os trabalhadores passavam a ter alguma voz ativa, apesar de o Brasil continuar a impedir o acesso de pobres e negros a qualquer tipo de privilégio cultural, ali incluída a prática do futebol. Estes eram proibidos até de torcer pelos clubes, todos grã-finos. O país dos capitais hereditários, das paritárias de ações, das ações em espécie, dos barões do café que impuseram à princesa Isabel a Abolição — ainda que tardia — da escravidão. O ato não estava imbuido de espírito libertário, mas dos interesses das oligarquias dominantes a não mais sustentar escolas, em vista da imigração europeia que chegava com mão-de-obra qualificada e até mais barata. Os negros eram alijados às ruas. Quanto aos mestiços, eram conspurcados como "desqualificados" para construir o futuro de qualquer país, ainda mais um Brasil que se olhava no espelho da Europa.

No Museu do Futebol vai se narrar essa história que começa com Charles Miller, no final do século XIX, e vai até os primórdios da profissionalização do futebol e da aceitação de atletas negros, a partir dos anos de 1920. A saga do nosso futebol é esculpida como uma das grandes conquistas do Brasil, em que a nossa história étnica deu sentido, jeto de ser e atualização de gesto à história do futebol no Brasil.

O Museu do Futebol que se inaugura em São Paulo é uma realização do governo do estado, da prefeitura de São Paulo e da Fundação Roberto Marinho, com apoio do Ministério da Cultura e de empresas patrocinadoras. Visitá-lo será também visitar a História do Brasil no século XIX. Além dos eixos de experiências lúdicas que fazem o visitante interagir com a emoção e a diversão, o museu é composto de uma grande espelha d'água. É o eixo da história. Uma história de heróis, como Friedrich, Domingos da Gama e Leônidas, Pelé e Garrincha, todos tão significativos e expressivos da cultura brasileira quanto um Fortinari, um Villalobos, um Mário de Andrade, um Niemeyer. Pois, se nos anos de 1930 e 1940 criamos esses heróis que tanto nos dizem respeito nos campos da arte, da literatura, do teatro, da música, da arquitetura, por que os do futebol não deveriam também ser entronizados nesse panteão clássico?

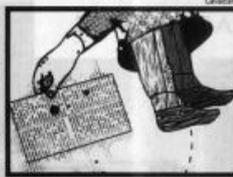
Além de toda a riqueza documental, que está sendo exibida em mais de 1.500 fotografias em grande formato e dezenas de filmes, o museu se abriga também dentro de um patrimônio histórico. Não é mero acaso sua localização no Estádio do Pacembu, inaugurado por Getúlio Vargas, em 1940. Foi orgulhosamente construído como o maior e mais moderno da América Latina. Refletiu todo o espírito de uma época: os anseios de grandza e uma instabilidade. Foi o destino da nação. Foi marco de um Brasil monumental, que jamais conheceria de si próprio e se projetava com euforia no futuro. Não os torcedores veriam, abismados, o gol de bicicleta de Leônidas; não veriam surgir, nos anos 50, Pelé, o Rei do Futebol, que dedicaria sua magia por esse gramado por mais de 21 anos. E não descobririam a paixão pelo futebol brasileiro.

Nada mais natural, portanto, do que sediar o Museu do Futebol no coração do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho — o Pacembu — próximo da vibração das arquibancadas, numa das áreas mais pulsantes do futebol brasileiro e da vida cotidiana da cidade de São Paulo. Ali, por entre colunas e bandeiras — como um sítio arqueológico em busca da alma profunda do Brasil — o museu vai contar a história do país que se uniu em torno de uma bola.

O visitante terá a oportunidade de responder às indagações que sempre se faz sobre esta nossa paixão tão coletiva. Por que o futebol nos dá tanto respeito? Por que ele está tão dentro da alma de cada brasileiro? Ao percorrer o Museu do Futebol — apropriando-se da frase de Mário de Andrade — o visitante vai viver "brasileiro sem querer".

LEONEL KAZ é autor do Museu do Futebol.

LUIZ GARCIA Novos jornalistas



Como todo mundo já disse tudo que era importante dizer sobre as consequências óbvias da política econômica do governo Bush — uma variante do velho *laissez faire*, adequadamente conhecida como *laissez les amis fuir* — talvez seja desculpável culpar de assuntos menos bombásticos e mais parciais.

Outro dia, Jorge Bastos Moreira revelou que o ministro da Educação, Fernando Haddad, está animado para meter no vespertino dos cursos de jornalismo, permitindo o exercício da profissão a quem tenha diploma superior em outra área.

Como todo mundo está exausto de saber, e diferentemente do que acontece nos países menos sofisticados do Hemisfério Norte, as leis brasileiras exigem diploma universitário de jornalista para a prática da profissão. É uma tolice, por motivos elementares. O ofício tem duas exigências essenciais: a capacidade de identificar e culpar fontes de interesse público, e uma mistura de talento e técnica para repassá-las, com clareza e precisão, à sociedade.

Um curso de jornalismo realmente pode ensinar técnicas de redação, o que não é nada complicado, a seus alunos. Mas, se existe a vocação — e principalmente se o jovem traz de casa o hábito da leitura — qualquer jovem pode dominar essa área em estágio de poucos meses numa redação de jornal ou revista. Se não pode, é bem possível que ele tenha escolhido o sonho errado.

E quem levar para a redação formação teórica e experiência em outras áreas poderá ajudar o leitor a entender esta com-

placada sociedade e esses atribuídos tempos em que vivemos.

Haddad está certo: abrir a porta para profissionais com formação em economia, ciência, política, sociologia, medicina etc. etc. só pode melhorar o produto final.

O projeto do ministro prevê um curso de capacitação profissional. Não será má idéia aproveitar, no desenvolvimento dessa idéia, experiências de empresas jornalísticas e organizações da classe. Existem iniciativas de alto bom nível. Também vale a pena chamar para a discussão escolas de comunicação social. Nem todas são do tipo *pagou/passou*.

Alfina, em qualquer situação, o patão só empurra quem quer — e não precisa da ajuda de lei ou regulamento que lhe exija só contratar mão-de-obra competente ou, pelo menos, promissora.

Visão estratégica

RUBENS BARBOSA

As eleições do próximo dia 5 de outubro representam um primeiro momento no calendário da eleição presidencial. Os principais partidos ensaiam as táticas e estratégias com as quais poderão melhor negociar sua respectiva participação, para quando for dada a largada para o jogo sucessório, no início do ano que vem.

O principal objetivo estratégico do PT é o de buscar, sem medo esforços, a vitória em São Paulo. A percepção de ampla vitória do PT nas eleições nas capitais dependentes do resultado de São Paulo. Se vencer, o partido poderá declarar-se como o grande vencedor nos principais estados (São Paulo e Minas) e estará quebrada a hegemonia do PSDB na capital.

No caso de vitória em São Paulo, uma candidatura do PT à Presidência será enormemente fortalecida. A tentativa de um terceiro mandato ganhará um impulso significativo, reforçada pelo nível cada vez mais elevado da popularidade presidencial. Desempolgando a reele-

presidencial. Qual o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

presidencial. Formado o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

presidencial. Formado o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

presidencial. Formado o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

presidencial. Formado o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

presidencial. Formado o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

presidencial. Formado o objetivo real de aprovar logo depois das eleições municipais para que fiquem bem definidas as regras eleitorais de 2010. Diante da situação de isolamento e aparente falta de objetivos claros por parte das oposições, por que não haveria o PT de tentar alterar as regras sobre a reeleição, na esteira dos resultados eleitorais de outubro próximo? Afinal, se até o presidente Urbe da Colômbia está buscando o terceiro mandato, seguindo os passos de Chávez, Morales e outros.

Por outro lado, a candidatura do PT, se eleita para a prefeitura de São Paulo, se projetará como uma alternativa viável à Presidência, pois estaria representando a grande máquina de votos no partido. Nenhum outro nome no PT parece dispor dessa credencial.

Do ponto de vista do PT, existe uma estratégia, que, se bem-sucedida, poderá ter resultados concretos quando concernem as movimentações políticas visando à eleição de 2010.

Do ângulo do PSDB fica a dúvida sobre a eficácia da estratégia em São Paulo com vistas à sucessão

Previsões

ALI KAMEL

O Fórum Econômico Mundial de Davos, presidido por Klaus Schwab, encerrou ontem cinco dias de encontro com um banquete ao ar livre. Para a elite empresarial do mundo, o clima é mesmado de festa. Ao contrário de anos anteriores, quando os debates foram pontuados por ameaças — crise russa, atentados de 11 de setembro, guerra da Argentina... —, a expectativa é de que 2007 será um ano fantástico para a economia mundial, sem choques no horizonte. A ponto de o moderador do debate econômico, Martin Wolf, do jornal "Financial Times", ter desabafado: "Todo mundo está contente com a situação econômica. E, para um economista, isso é muito deprimente."

Era assim que começava a reportagem publicada no GLOBO de 29 de janeiro de 2007, apenas um ano e dez meses atrás. Cito o trecho porque, diante da crise econômica sem precedentes que os EUA e, por conseguinte, o mundo vivem, o que mais me interessa é a capacidade de previsão do ser humano. Desde que a ciência se firmou como o único norte a ser seguido, todos nós nos tornamos presa da ilusão de que tudo, ou quase tudo, pode ser previsto. Esta é mesmo a base da ciência: diante de um determinado fenômeno, controem-se hipóteses cujo grau de acerto se afere juntamente por sua capacidade de previsão. Certo, não sou um obscurantista, e é claro que aceito a proposição como um

fenômeno com certo clareza. Se, como foi, um estado citado pelo "New York Times" analisou que disseram os economistas antes de recessões que atingiram 60 países durante a década de 90: em 97% dos casos, os economistas falharam em prevê-las com um ano de antecedência. Nas raras ocasiões em que foram capazes de prevê-las, os economistas subestimaram sua gravidade. E, pior, muitos foram incapazes de prever recessões que aconteceriam dias a dois milhares meses.

Prever o futuro é mesmo complicado. Não cabro aqui que economistas sejam sempre capazes de prever crises ou catástrofes, por definição, se fosse possível prevê-las, elas simplesmente seriam evitadas ou antecipadas. Relembro apenas que os economistas têm sido muito perspicazes em previsões que simplesmente não se realizaram e cegois diante de fenômenos que estão prestes a acontecer. Deviam ser mais cautelosos num caso e mais perspicazes no outro.

Por que escrevo tudo isso? É para me tranquilizar e tranquilizar os leitores. Diante do inferno que estamos vivendo, já se prevêem para todos os gontes. Desde daqui e de fora até já puseram no papel que o capitalismo e o liberalismo estão ameaçados. A estes, eu digo: menos, por favor, meus.

ALI KAMEL é jornalista. E-mail: ali.kamel@igolbo.com.br

fenômeno com certo clareza. Se, como foi, um estado citado pelo "New York Times" analisou que disseram os economistas antes de recessões que atingiram 60 países durante a década de 90: em 97% dos casos, os economistas falharam em prevê-las com um ano de antecedência. Nas raras ocasiões em que foram capazes de prevê-las, os economistas subestimaram sua gravidade. E, pior, muitos foram incapazes de prever recessões que aconteceriam dias a dois milhares meses.

Prever o futuro é mesmo complicado. Não cabro aqui que economistas sejam sempre capazes de prever crises ou catástrofes, por definição, se fosse possível prevê-las, elas simplesmente seriam evitadas ou antecipadas. Relembro apenas que os economistas têm sido muito perspicazes em previsões que simplesmente não se realizaram e cegois diante de fenômenos que estão prestes a acontecer. Deviam ser mais cautelosos num caso e mais perspicazes no outro.

Por que escrevo tudo isso? É para me tranquilizar e tranquilizar os leitores. Diante do inferno que estamos vivendo, já se prevêem para todos os gontes. Desde daqui e de fora até já puseram no papel que o capitalismo e o liberalismo estão ameaçados. A estes, eu digo: menos, por favor, meus.

ALI KAMEL é jornalista. E-mail: ali.kamel@igolbo.com.br

O GLOBO NA INTERNET
OPINIÃO: as mais antigas
globe.com.br/opinio

Referência 28 – Jornais do final do século XIX e início do século XX

- *O Sportman* – Ano I – Número 1 – 8 de maio de 1887 – Publicado aos domingos

Anno I. Domingo 8 de Maio de 1887 N. 1.

O SPORTMAN

PUBLICA-SE
AOS DOMINGOS

Avulso 160 réis

ASSIGNATURAS
CORTE

Semestre. . . 4\$000
Anno. . . . 6\$000

Tudo o que for
concernente à redacção, dirigir a
rua Sete de Setembro
n. 70
Rio de Janeiro

PUBLICA-SE
AOS DOMINGOS

Avulso 100 réis

ASSIGNATURAS
PROVINCIAS

Semestre. . . 6\$000
Anno. . . . 8\$000

Tudo o que for
concernente à administração, tratar com
o administrador
gerente
J. DE MONTARGIS
rua Sete de Setembro
n. 70
Rio de Janeiro

S. M. O IMPERADOR

Enceta este periodico a sua publicação quando a familia brasileira esta sobresaltada pela pertinaz enfermidade do Augusto Soberano, garantia e penhor de felicidade da nação.

Felizmente nestes ultimos dias S. M. o Imperador apresenta alguma melhora e os medicos assistentes creem que brevemente a sua preciosa saude estará restabelecida.

Esta redacção faz fervorosos votos pela vida e saude de Sua Magestade.

hasta lembrar que Caligula deu um premio de dous mil sestercios (cerca de cento e cincoenta contos de reis) ao celebre Eutychio.

Em Roma, os jockeys (cursors) tinham roupas de cores especiaes. Erão ellas a principio brancas, azues, vermelhas ou verdes; mas Domiciano, querendo mostrar quanta importancia dava ás corridas, permitio que elles se vestissem tambem de purpura e ouro, atavios ate áquella epocha reservados aos cesares e aos grandes cabos de guerra. Era-então não pequena honra ser «agitator» e «designator», e en-

guina e do sangue mais puro. Tinha cinco annos, quando o seu proprietario, o capitão O'Kelly, fel-o apparecer no «turf», em Epsom, e a sua estreia foi um ruídooso triumpho. Depois de Guildesfort, Nottingham, Lincoln, York, em todas as arenas, enfim, em que se apresentava era sempre o vencedor. «Bucephalus», que fora até então o heroe das corridas, vencido tres vezes consecutivamente, não se animou mais a medir as suas forças com elle.

Eugenio Gayot, na «France Chevaline», diz, referindo-se a «Eclipse»:

nacionaes, tão enriquecidas nestes ultimos annos com excellentes animaes de puro sangue, cujos productos já tem dado excellentes copia de si nos nossos prados; quem, finalmente, vê o extraordinario progresso que estão tendo os clubs de corridas, a cujas festas affluem, apesar do mau tempo, tantos milhares de pessoas, não pôde deixar de dizer: germinou e está florescendo a olhos vistos a semente lançada em tão bom terreno; o que lhe falta agora para que a sua fructificação seja completa e consoante com os variados elementos de prosperidade, de que já dispomos, é um arçabo de publicidade, tão criteriosa

SÃO PAULO



SPORTIVO

NUMERO AVULSO 200 Réis



SÃO PAULO, 22 de Agosto de 1896

EXPEDIENTE

Toda a correspondência para o São Paulo Sportivo deverá ser enviada a caixa do correio n. 189.

Aos srs. assignantes que até a presente data não mandaram reformar suas assignaturas, não enviaremos a folha.

CONVERSAS SPORTIVAS

JOCKEYS

Possuir um bom jockey, consciencioso, energico e habil, eis o desideratum de todo o proprietario do animal de corridas. Infelizmente não é essa a menor das difficuldades que encontram os sportsmen militantes tanto no Brasil como em qualquer outro paiz que deve ser um jockey. Executo elle as ordens do patrão. Mesmo nos países mais adiantados em materia de sport, existe uma idéa falsa a respeito do que é e do que deve ser um jockey. Executo elle as ordens de quem lhe entregou um animal para montar e... nada mais. E essa a opinio geral, mas falsa.

Os favores de que elles gozam junto ao publico, as tentativas de suborno estragaram muitos d'elles e somente os que bem comprehendem o seu papel e n'elle se conservaram são e ficaram os typos respeitados d'esta especialidade.

A Inglaterra, entre outros monopolios, tem incontestavelmente o de fornecer a semente de jockeys.

Dizemos a semente, pois, se é verdade que elles nascem em outros países, nem por isso são menos ingleses de origem e de temperamento. Muitas tentativas foram feitas em França (até hoje quasi todas sem resultado) para formar jockeys d'esta nacionalidade; apenas Mousset, nascido em França, de pais francezes, conseguiu ser um jockey extraordinario de steeple. Na sua bella época não tinha rivais e ainda hoje todos os sportsmen lembram-se do tour de force que elle fez, ganhando o grande steeple de Autenil com Le Torpilleur em 1889: as cilhas tendo-se partido durante a corrida, elle teve que carregar o selim sob o braço para não perder o peso regulamentar e assim transpôr os obstáculos, lutar e vencer! Não in-

plantou escola, e hoje, apesar dos esforços das sociedades que reservam certas corridas especialmente para os jockeys francezes, nenhum conseguiu sair da vulgaridade.

Dáhl deve-se concluir que o temperamento feio dos ingleses e a sua natureza maleavel, os auxilia perfeitamente n'esta profissão.

Os grandes jockeys de corridas rasas n'estes ultimos vinte annos foram os seguintes que vão citados mais ou menos em ordem do seu merecimento: Fred Archer, Fordham, F. Cannon, Ch. Wood, F. Banett, F. Loates, M. Cannon, I. Wals, na Inglaterra e F. Lane, Barlen, Rolfo, Stav Hartley, E. Watkins, Dood e French, em França. Cada um d'estes artistas tinha ou tem qualidades particulares: um para as partidas, outro para as chegadas, outro para a sciencia do train etc.

Fred Archer foi, pensamos, o unico que conseguiu reunir todas estas qualidades e a sua grande reputação era na verdade bom merecida.

De energia fabulosa á chegada, elle conservava toda a tática durante a corrida e muito raramente deixou-se surprehender na partida. A natureza linha-o, pois, dotado completamente para a sua profissão. Modesto, despretencioso e sem hespanholadas, foi sempre o respeitoso empregado de seus patrões. Seria necessario para bom exemplo de certos jockeys cheios de presumpção e de orgulho que elles tivessem podido ver esse collega millionario, tão querido do publico como do principio do Galles, receber antes da partida, com respeito e attenção, as ordens do patrão e obedecer-lhe escrupulosamente, desde que circumstancias imprevistas não o obrigaram a agir diversamente. O seu nome ficará legendario no mundo do turf como typto do jockey talentoso e fiel.

Os dois artistas Loates e Cannon, que actualmente na Inglaterra disputam encarnadamente a supremacia, não passam do imitadores de Fred Archer, mas acham-se muito longe d'elle. Como acontece a todos os homens superiores, qualquer que seja a sua especialidade, elle tem tambem detractores, cujo principal argumento consistia em dizer que elle só montava os melhores animais. Engano! O popular Archer montava por amor á arte e jamais recusou os seus serviços, qualquer que fosse a qualidade do animal que lhe apresentavam, com tanto que elle corresse com animais da mesma classe.

Em 1886 elle montou no Derby francez Fils d'Artois, do sr.

Joaquim Lefeite e, graças a um prodigio de energia e habilidade, conseguiu a 2.ª colocação que ninguém esperava, em vista da inferioridade relativa do cavallo. Tanto na Inglaterra, como em França, ganhou elle todas as corridas classicas e algumas d'essas victorias devotas unicamente á sua extraordinaria energia que nenhum dos contemporaneos ou successores soube igualar.

Em 1881 elle foi batido por cabeça após uma lucta homérica. Montava então Tristan e Fordham, que o bateo. Foxhall; mas o mão genio de Tristan era conhecido e Foxhall era um cavallo de primorissimo ordem.

E sabido que Fred Archer suicidou-se estiano no apogeo de sua reputação e da sua gloria, sem que jamais se pudesse conhecer exactamente o motivo d'esse tragico acontecimento.

O argumento de peso que trazem os annos é o peor inimigo desses profissionais e consuetos são os seus esforços para não engordar nem perder o vigor. Alguns jockeys são verdadeiros phenomenos de pequenez. Na Inglaterra não são raros os jockeys de 35 kilos, e em França, onde o peso minimo é de 40 kilos, cinco ou seis montam com esse peso, inclusive os arreios. O desenvolvimento que as corridas tem feito na Europa tomou a profissão do jockey muito lucrativa, sobretudo para os de nomeada.

Alguns até na Inglaterra tem pretensões acima de seu merito, se bem que grande e real.

Bis um exemplo recente: M. Cannon, con vidado pelo sr. Abeille para montar Champaubert no Grand Prix de Paris d'este anno, estabeleceram as seguintes condições: 5.000 francos qualquer que fosse o resultado da corrida, 10.000 si chegasse em 2.ª e 25.000 si ganhasse. Estas condições draconianas não foram accedidas e Champaubert foi montado por Boon. Resta a saber si não foi por isso que o Sr. Abeille perdeu os 250.000 francos do Grand Prix. Talvez M. Cannon tivesse, com a sua habilidade, ganho o peccoto que, á chegada, separava Champaubert de Arreau n'essa importante prova.

No Brasil so os bons animaes são raros, os bons jockeys ainda são mais. A introdução dos costumes argentinos e orientaes perdou o pequeno numero dos que promettiam alguma coisa.

O popular Francois é realmente o Fred Archer d'este paiz e seria interessante ver esse excellent jockey medir suas forcas com um bom jockey da Europa. Quem sabe si o futuro nos reserva esse interesse sportivo!

A nosso ver Francois sahir-se-ja com honra d'essa prova, pois em qualquer paiz do mundo onde elle se apresentasse, estaria acima do commum e é pena que um homem de tantas aptidoes não tenha discipulos. O seu modo calmo e sciencífico de montar contrasta com a levandade e imprudencia da maioria dos seus collegas. A classificação dos jockeys entre nos parece que deve ser assim feita: Francisco Luiz..., G. Luff, Marcellino, H. Arnold, George Routledge... e os outros mais ou menos confundidos na sua igualdade mediocre. O primeiro está muito acima dos seus collegas e talvez apenas Lourenço Alcoaba, na sua mocidade, teria podido rivalisar com elle, mas hoje, curvado sob o peso dos annos, este apenas contempla os louros colhidos. Francois é entre nós quasi que o unico jockey com o qual, como professional, qualquer proprietario possa contar, seja qual for a natureza do seu cavallo e quaisquer que sejam as circumstancias imprevistas da corrida. Devemos esperar que outros jockeys, ciosos da gloria d'este seu collega, venham a imitar o seu exemplo no interesse e para a regularidade das corridas futuras.

J. THEUREL.

Prado da Moóca

Á corrida de reabertura da estação sportiva do Hippodromo Paulistano compareceu o que de mais fino ha em o mundo turfista paulistano.

Talvez por ser a primeira corrida, o entusiasmo do publico não se estendeu á casa das apostas que teve um movimento bastante diminuto, e esse retrahimento parcial por parte da maioria dos apostadores explica-se naturalmente pelo pouco conhecimento em que elles se achavam a respeito do estado de preparo dos parelhinhos, a maior parte dos quaes esteve em descanso por espaço de tres longos mexas.

O jogo das duplas atrahiu a primazia nas apostas, causando successo e bom resultado.

No premio Craterum o nosso favorito Nabab justificou cabalmente a fama de que vinha precedido, vencendo bom a carreira. Nilo II, que se manifestou d'uma extraordinaria velocidade, foi pessimamente pilotado por seu jockey que, inexpertemente ainda, precipitou-se sobre o animal em dirigir o esparçoso producto.

O Progreddor nem foi corrido, pois, a elle se apresentaram apenas Casulo e Beduina, vencendo esta, conforme sua obrigação esbarrada.

Biblioteca Nacional
Nº 117
1896



CORRESPONDENCIA
PRAÇA TIRADENTES, N. 12
ARMAZEM DERBY
PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Propriedade de OLIVEIRA ROCHA
Redactor chefe: MARTINEZ REIS

Avulso 100 rs.

EXPEDIENTE

Rio Sportivo

Seminário dedicado ao sport em geral

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Participamos aos nossos leitores que resolvemos suspender as nossas publicações, achando-se, porém, a venda o nosso semanário em diversos pontos da cidade, Petropolis e Niterói.

Primeiras da diversa sociedade...
...de especial obsequio de nos enviando quanto precisar publicação.

A nova estação

Amanhã o veterano Jockey Club abriu os seus portões para a realização da sua primeira reunião, inaugurando a temporada sportiva de 1909.

A estação passada foi precedida do mais vivo entusiasmo, a qual se conservou durante todo o anno, observando o extraordinario movimento da casa das apostas.

Infelizmente o mesmo se não dá este anno, não ha parelhinhos que nos despertem a attenção, todos são conhecidos e conhecidissimas as suas condições.

A grande exposição realizada a 28 de Março de 1908 pelo Jockey Club produziu grande effeito entre os sportmen e talvez que a falta d'esta exposição seja a causa da frieza com que se recebeu a temporada que amanhã começa.

O desaparelhamento do crack Susrano das pistas fluminenses vai concorrer immensamente para o decréscimo da affluencia ás dependencias das nossas sociedades turísticas, não só pela sua incontestavel superioridade como tambem pela enorme sympathia que entre nós conquistou.

Attendendo ás condições em que se acham seus companheiros de turma, sempre alguma temos a esperar, pois acham-se quasi que em totalidade inválidos e cheios de lazarias, graças a incompetencia de alguns entraineurs.

Quem, sem interrupção, assistiu ás corridas da temporada passada, bem pôde avaliar a grande differença das anteriores e ver o grande impulo que entre nós tomou este tão agradável ramo de sport.

Em todo caso esperemos e confieemos nos grandes esforços que, sem duvida, empregará aquelles que a seu cargo têm a dura missão de zelar pelo nosso turf.

Começa amanhã a nova temporada e com ella tambem a nossa publicação.

Seguiremos o mesmo programma das nossas publicações, tratando imparcial e criteriosamente as questões relativas á vida hippica.

As distinctas directorias do Jockey e Derby-Club cumprimentamos, desejando um anno cheio de felicidades e que possamos com prazer registrar os ineguaes serviços empregados em prol do desenvolvimento do turf fluminense.

Jockey-Club

1ª CORRIDA EM 4 DE ABRIL

Ao tomar conta d'esta secção, que me foi incumbida, algumas palavras são necessarias para fazer conhecer o programma que pretendo seguir, e evitar assim quaesquer interpretações a que possam dar azas as minhas apreciações.

Devo em primeiro lugar declarar que nenhum laço tenho que me prenda á directoria de qualquer das duas sociedades que funcionam no Rio de Janeiro, nem entretenho relações com proprietarios de coudelarias ou seus jockeys, que possam influir nos meus juizes.

Além d'isso, e foi esta a unica condição que impuz ao aceitar o espinhozo encargo, reservei plena e inteira liberdade na expressão do meu sentir.

Seguinte o molde dos chronicistas do turf europeu, não influirão nas apreciações que formularei aquelles que me lerem, os dizem, contos, noticias de patotas ou accordos feitos ou por fazer entre os interessados para falsear os resultados dos parcos.

Farei sport, mas sport verdadeiro, só levando em conta as forças, illadas condições dos parelhinhos, pesos que carregarem, distancias que tiverem de ser corridas. A ser assim fallarão muitas vezes meus palpites, pois a fraude, e forçoso dizê-lo, impera frequentemente, que me quer que sejam os esforços empregados pelas directorias para a extinguir, e juncumbe-se de falsear os resultados fims certos, estabelecidos sobre as bases as mais racionais.

Dito isto, bem se pode deduzir que não sou presidente á Tapa Secura, não que haja desconfiança em sel-o, mas porque não estou disposto, para alcançar pontos, a dar como prováveis vencedores animaes que, de facto, vencem, mas não por effeito de sua qualidade intrinseca, mas em consequencia de arranjos muitas vezes indecorrosos.

E' bom de ver que nas primeiras corridas, enquanto os parelhinhos novos não tiverem dado a medida de suas forças e não conhecemos de visa o estado dos veteranos, teremos de ir um pouco ás apalpadellas, aaventurando conceitos, mas será isto por pouco tempo, e poderemos então enetar verdadeiramente nossa tarefa.

No primeiro parco vão se encontrar animaes europeus e platinos de 2 annos. Somos absolutamente avesso á estrá dos animaes europeus de 2 annos n'esta época.

Em França, onde o clima é mais brando, os animaes de 2 annos só são admittidos a correr do mez de Agosto em diante; não somos tão rigorosos, mas achamos que esta classe de animaes não devia figurar nos programmas senão de Junho em diante, e isto não só no interesse dos animaes, mas ainda mais dos seus proprietarios. Acresce além d'isso que seus primeiros encontros se dão com animaes argentinos já formados e que apezar da pequena vantagem de peso que lhes dão tem sobre elles uma vantagem incontestavel. São nos desconhecidas as condições d'estes estreantes e só vemos como critérium, as filiações; ora é indubitavel que, eliminando Turino, por Gardelou, que não tomará parte no parco,

os melhores sangues são os de Avenida. Recife que indicamos como prováveis vencedores.

No segundo parco só estão inscritos 4 parelhinhos, já nossos conhecidos. Entre elles nenhum ha que se destaque. Nosso favorito seria Neapolis se tivesse ainda o traio de Figueira, mas duvidamos que em outras mãos se mostre o mesmo que no fim do anno passado. A nosso ver Irineo deverei ser o vencedor, seguido de Iury.

Tirando os desconhecidos Cruppy, Ugly e Fama, que figuram no terceiro parco e sobre os quaes não temos informções, ficamos em presenca de La Fleche, Gaturamo e Frou-Frou, que citamos na ordem em que deveriam chegar ao vencedor.

O quarto parco reuniu 5 veteranos, cada qual com pretensões, a sair vencedor. Acreditamos que com o descanso que lhe foi proporcionado, Rouxinol deveria triumphar facilmente, sendo seu mais terrivel competidor o Resedá que deverei contentar-se com o segundo logar.

Turbino parece-nos mal collocado, no quinto parco, com animaes da classe de Virago, Oasis e Deputado. Este ultimo seria francamente o nosso favorito se não fossem as carreiras mediocres que fez em S. Paulo. Restam pois em presenca Virago e Oasis. Como o seu companheiro Neapolis, julgamos que Virago perdeu muito com a mudança de entraineur, ao passo que Oasis lucrrou muito, por isto o apontamos para primeiro logar, secundando-o a egua Virago.

Se os tres parelhinhos que entraram no sexto parco estiverem em boas condições de entrainement e disputarem a victoria com empenho, será um verdadeiro regalo para todos os sportmen e

que por si só vale por todo o programma. Difficil se torna a escolha pois que a distancia convém admiravelmente a ambos e os pesos nada tem de excessivo. Rei, por ser o mais novo, tem as nossas sympathias e o indicamos para primeiro logar, seguido do chegado Jugurtia.

O setimo parco compõe-se de seis parelhinhos cujas forças são mais ou menos eguas. Se a Sterlina II tivesse a montaria de Zagar não duvidamos um momento em apontar-a como vencedora certa, mas a egua parece só se dar bem com este piloto e não estando elle aqui, perde assim uma grande probabilidade de vencer. Na falta d'ella vemos Rival e Brazil II que, pelas corridas anteriores deveriam chegar a esta ordem ao vencedor.

RESUMO

- 1º - Recife - Avenida - Danubio.
- 2º - Irineo - Iraty - Bouton.
- 3º - La Fleche - Gaturamo - Frou-Frou.
- 4º - Rouxinol - Resedá - Intrepido.
- 5º - Oasis - Virago - Deputado.
- 6º - Rei - Jugurtia - Igassu.
- 7º - Rival - Brazil II - Rio.

GLADIATEUR

DERBY CLUB

Facerram-se hoje as inscrições para a corrida com que o Derby-Club inaugura a sua estação sportiva.

O programma deverei ser bom attendendo ao grande numero de sympathias de que goza o alegre prado do Itamaraty.

Fluminense Foot-Ball Club

A directoria do Fluminense Foot-Ball Club ficou assim constituída:
Presidente, Antonio Vaz de Carvalho.
Vice-presidente - Victor Elcheagaray.
1º secretario - Frederico Silva.
2º secretario - Luiz Bergerth.
3º secretario - Haal Rocha.
Ground committee:
Felix Frias (cap.) Arnaldo Bergerth, Walter Salmund, Franz, Waltz e Emilio Elcheagaray.



Directores: ATTILIO TURCHI e LANÇA CORDEIRO

COLLABORADORES: Dr. Washington Luiz, Antonio Prado Junior, Luiz Fonecca, Dr. Mario C. Vidua, Dr. José Rubião, Dr. Ibanez Salles, Dr. Alfredo Redondo (Semana), Edê Claves, Dr. Buscaféia, Marianno Costa, Dr. Armando Prado, Dr. Tramonti, I. Tomazelli, Tenente-coronel Soares Neiva (comandante do Corpo de Bombeiros), Capitão Balcenci (da Missão franceza), Capitão Lemaître (da Missão franceza), Capitão Delbos (da Missão franceza), Tenente Rebelo Andrade (do exercito portuguez).

CORRESPONDENTES: L. Sarti (Sir Ciappelletto), Paris — Dr. T. Tonetti (Felton), Roma — Della Guardia, Milão — J. Gomes Palma, Londres — Hans Hermann, Hamburgo — F. Sant'Anna de Lança Cordeiro, Bruxellas — Dr. Duarte Rodrigues, Lisboa. AGENCIAS: RIO DE JANEIRO, SANTOS, CAMPINAS e RIBEIRÃO PRETO.



SEJA breve e concisa a nossa chronica de abertura. E, ao fazel-a, não nos preocupam nem os cuidados de melindroso e delicado programma, nem as ponderações hesitantes e ambiguas de difficil platura, nem ainda as responsabilidades do preenchimento duma lacuna da imprensa brasileira, ao que não pretendemos, nem



Procuramos unicamente juntar os nossos esforços e a nossa energia, ao universal movimento em prol do resurgimento physico que, de algumas dezenas de annos a esta parte, vem agitando a humanidade inteira e que nos pôde fazer prevêr, para breve, o dia em que a Cultura Physica, a religião da Força, o evangelho das regras sportivas, encontrem o primacial logar de honra que lhes compete entre as energias vivas da humanidade.

Se nos tempos primitivos o homem era obrigado a dedicar-se aos exercicios physicos, para ser forte e agil, por necessidade absoluta de suas condições de vida, hoje é-o também, não porque ellas existam ainda que se transformaram e desapareceram, mas, quando não seja em attenção á Esthetica, para que quando um dia tenha de apellar para as suas faculdades physicas, se sinta orgulhoso de se encontrar vigoroso e dextro.

Roma, dominou o mundo até ao dia em que as lutas do circo, cederam logar ás bachanaes nocturnas.

Os gregos, foram vencidos no dia em que os seus philosophos superaram os seus athletas.

Nos nossos dias os exemplos multiplicam-se; e, entre a derrota da Abyssinia e a victoria de Tripoli, a Italia vê o poder da Educação Physica no seu exercito.

Os maravilhosos athletas que são os japonezes, mostram nos campos de batalha perante o colosso russo quanto valem os seus corpos ageis e flexiveis, adextrados em todos os exercicios physicos.

Ling, conseguindo a resurreição do povo sueco, é o grande apostolo da absorvente religião que tantos milhares de crentes e fervorosos adeptos conta no mundo inteiro.

A França, acaba de inaugurar em Reims o seu Collegio de Athletas, sob o patrocínio do governo e orgulha-se de possuir em Joinville a primeira Escola de Educação Physica de todo o mundo.

E não se diga que a Cultura Physica descure o moral. Não, ella educa a vontade, dá a coragem e ensina a encarar o perigo de frente, tempera a alma como tempera o corpo.

Se Bakounine, o ideal libertario, tivesse vivido hoje, veria que o sport realizou a sua immorredoura phrase: «Terra e Liberdade».

O sport não tem patria. Para elle não existem fronteiras. E todas as nações numa perfeita comprehensão de

defeza commum, de garantirem a raça, encontram-se em pugna leas nos stadions onde se disputam as Olympiadas.

E, ao lançar-mos a nossa revista, que dedicamos á mocidade brasileira, pedimos-lhe que adopte como lemma e divisa, nos seus cadernos de estudo, a phrase consagrada com que os antigos gregos, ao collocal-a nos frontaes dos seus templos, pediam aos Deuses, numa aspiração ao Perfeito e ao Bello, o que elles, numa justa apreciação, consideravam ser a summa Felicidade na Terra e na Vida:

Mens sana in corpore sano!

São trinta as secções da nossa revista e nellas incluímos todos os sports praticados na actualidade, desde o modesto pedestrianismo até a soberba aviação.

Em cada numero desenvolveremos mais, ou seja por gravuras, ou por noticias, os acontecimentos da semana que tenham sobre si chamado a attenção dos nossos sportsmen.

Assim damos neste numero circumstanciada reportagem da inauguração do Stand de tiro aos pombos, da festa da Sociedade Hippica no Jardim da Acclimação, do campeonato de Hockey e Law-tennis e dos dois campeonatos de Foot-ball, o da Liga Paulista e o da Associação dos Sports athleticos.

Manteremos esta norma nos numeros seguintes, de forma que no fim do anno na colleção de nossa revista se encontrem todos os acontecimentos sportivos importantes occorridos durante o anno.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Brazil		Estrangeiro	
Anno	10\$000	Anno	frcs. 24.00
Semestre	6\$000	Semestre	„ 12.00
Numero avulso	\$200	Numero avulso	„ 0.50
Numero atrasado	„	„	400 Rs.

Redac. e admn. RUA 15 DE NOVEMBRO 28, 1. andar
Telephone 2055-Caixa 580-End. telegr.: SPORT-S. PAULO

Não se devolvem originaes e photographias, quer tenham sido publicados, quer não.



A supremacia do football brasileiro está com São Paulo

TEM-SE falado muito em decadência do football paulista. E a afirmação encontra-se apoiada nos seguintes dados: Reparar-se em um contraste — a fama do mercado paulista e o florescimento do mercado carioca — para estabelecer comparações que se estendem ao domínio técnico. E ali está um erro, tornando-se fácil explicar porque. Então se invertem os papéis, chegando-se a uma conclusão oposta. Enquanto o football paulista exhibe uma vitalidade espantosa, como que desaparece o football carioca. Parte-se de um facto incontestável: até 1924 o "soccer" bandeirante detinha a supremacia. Em 1925 perdeu-a com os resultados do campeonato brasileiro — o unico indice capaz de definir a supremacia. E o campeonato de 26 voltou a mostrar que a supremacia passara para os cariocas. Em 27 se repetiu a constatação e tal constatação provocou o incidente conhecido de São Januario. Sómente em 29 São Paulo tomou a ocupar a liderança — uma liderança falsa, que, no maximo, significava equilibrio. Até 32 não se poderia duvidar da hegemonia carioca. E a prova estava na organização do scratch brasileiro para a primeira etapa da "Copa do Mundo" e no sucesso de uma representação exclusivamente carioca, em Montevideo, derrotando tres vezes consecutivas os campeões mundiais. Observe-se, então, um facto de enorme importancia: Dos cinco jogadores que estiveram na equipe carioca nove eram cariocas, incluindo Walter, Domingos, Italia, Ivani, Walter, Paulinho, Gradim, Leonidas e Jureta. Todos eles viram a luz do sol no Rio e formaram-se no Rio, como jogadores de football. Havia um campeão: Agrícola, e um goleiro, Martin. Em 33, porém, se observou uma mudança. Uma mudança radical.

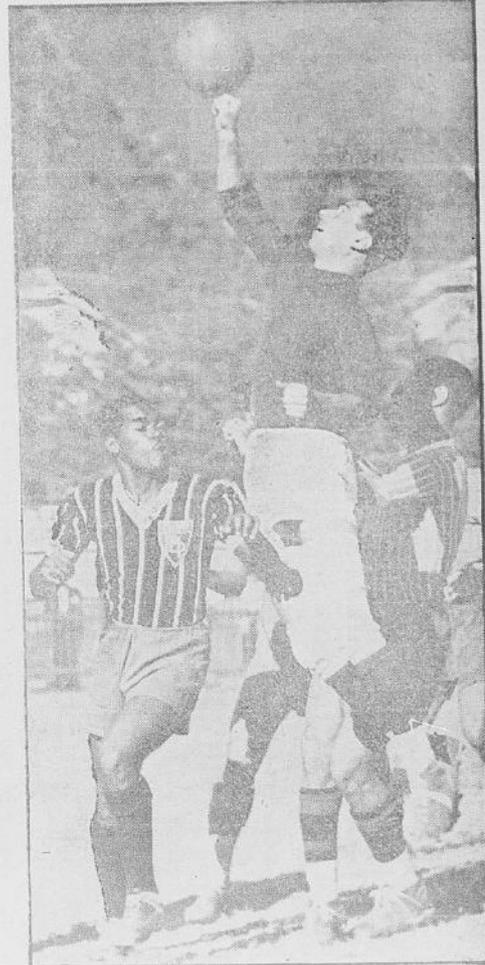
O FOOTBALL PAULISTA ASSUME A LEADERANÇA

E a mudança parecia mais estranha porque sucedia a uma época de apogeu. Nunca o football carioca se mostrara mais forte. Apesar disso, 33 marcou o rejuvenescimento do "soccer" bandeirante. Foi a phase do estio do Palestra, campo do torneio Rio-São Paulo. De um certo modo explicava-se a transformação. Enquanto os clubs paulistas conservavam a estrutura dos teams de 22, reforçando-os, os clubs cariocas reformaram inteiramente os quadros do ultimo campeonato. Período de desorientação, de improvisação, de pressa, febril, marcando o advento do profissionalismo. A primeira grande tentativa de reorganização, do fortalecimento, foi dada pelo Vasco, em 34, e a seguir pelo America. Os jogadores de 33 impulsionaram uma inovação. Era se pensava a crack feita, com cartas que atraíam multidões. Promoveu-se a volta de Flauto e não se per-

mitiu que Domingos e Leonidas prosseguissem em Montevideo. Mas não se processava a renovação de valores e São Paulo manteve a supremacia ainda em 34, com a conquista do campeonato brasileiro. Em 35 verificou-se a primeira consequencia do programma tracado pelos clubs cariocas. Desprezava-se o celheiro pelo mercado, e, assim, não surgiram novos cracks cariocas. Apenas valores paulistas se accumularam na palanque do profissionalismo guarabarrino. Houve um verdadeiro esodo. O mercado de São Paulo sofreu colapso consecutivo, visado, ao mesmo tempo, pelas organizações mais poderosas do Rio Montevideo, Buenos Aires e Roma. O football paulista, porém, não perdera as suas características. Nem a supremacia que mantinha desde 23. Defendeu-a em tres campeonatos cariocas, conquistando o titulo maximo com a camisa do Fluminense. Registrara-se, sim, a decadência do mercado bandeirante, que caíra em um círculo vicioso. Mas isso não significava desvalorização do football paulista. Poder-se dizer até que não ha, verdadeiramente, football carioca. O football carioca como que desapareceu, reformando-se nos pequenos clubs, onde se processa, bem ou mal, a unica renovação de valores.

DUAS PROVAS DOS NOVE

A victoria do Fluminense em tres campeonatos consecutivos dramatiza a supremacia do football paulista. A prova maxima, porém, foi dada no campeonato do mundo. Dos vinte e dois jogadores requisitados e que atuaram em campos da França, onze eram paulistas: Batataes, Jahn, Machado, Brito, Brandão, Argemiro, Lopes, Lusinha, Romeu, Tim e Hercules (que nasceu em Minas, mas teve a sua formação de crack em São Paulo). Apenas quatro eram cariocas: Walter, Domingos, Alfontinho e Leonidas, o mesmo numero fornecido por Minas: Natta, Zesh, Vilhena e Fereles. Havia um goleiro, Martin, um paranaense, Palenico, e um fluminense, Roberto. Dos vinte jogadores contratados pelo Fluminense, campeão carioca, treze são paulistas: Batataes, Guimarães, Machado, Milton, Ozimbo, Novelli, Colaste, Romeu, Sandro, Tim, Hercules, Fogueta e Naselmento. A percentagem de cincenta por cento no scratch brasileiro e sessenta e cinco por cento no campo carioca servem como a documentação mais impressionante. E o facto alarmante é que os verdadeiros cracks cariocas são da geração do 26 e 32, provando que não houve nem ha renovação. E São Paulo, que não pôde adoptar o programma dos preços altos impo-



WALTER, DOMINGOS E LEONIDAS — Os tres mais famosos jogadores cariocas do scratch brasileiro

Brasil em 50 chorou
de tristeza e hoje
chora grande alegria

3 a 1

DECISÃO É CONTRA ITÁLIA

Está chegando a hora

BRASIL 1 A 1: CLODOALDO



Foto: Roberto de Magalhães (V. B. Ribeiro)

Gusdolojara – Em quinze minutos de futebol genial a seleção brasileira derrotou a de Uruguai por 3 a 1 e decide o título domingo contra a Itália. Os uruguaios marcaram na frente, mas os brasileiros reagiram e empataram no último minuto do primeiro tempo. No fim foi um show. (Noticiário nas páginas 2, 3, 4, 5, 6 e 12)

Jornal dos Sports

Equipe na Copa



Achilles Gil
Paulo Sérgio
Fernando Horacio
Albino Paganini
Zizinho
Vava
Clodoaldo
Rivelino
Jairzinho

BRASIL 2 A 1: JAIRZINHO



BRASIL 3 A 1: RIVELINO



A opinião do JS

ACHILLES CHIRÓL
VARREMOS TODOS OS COMPLEXOS
(PÁGINA QUATRO)

FERNANDO HORACIO
MAIS QUE JÓGO FOI UMA EPOPÉIA
(PÁGINA TRÊS)

VAVA
FOI PRECISO TER NERVOS E RAÇA
(PÁGINA DOIS)

ZIZINHO
NO VALE-TUDO VENCEMOS O JUIZ
(PÁGINA CINCO)

Italianos eliminam os alemães: 4 a 3

(PÁGINA SEIS)



O céu político

As intrigas do Regente Horthy acarretarão guerra civil - A Milícia Fascista vai marchar sobre Budapeste

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica. O Regente Horthy declarou que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

VIENNA, 7 (Serviço Especial de Notícias). — O Regente Horthy declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

A LIBRA E O DOLLAR

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

A VOZ aduadada de Cuba

MADRID, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

A guerra de conquista em Marrocos

MARROCOS. — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

BU... COLICAS...

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

TACNA-ARICA

MADRID, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Um grupo de piratas agrediu 30 chileños

MADRID, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Os reis da Espanha vão a América em meados deste ano

MADRID, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Um feio natal das azas inglesas

MADRID, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Francos e argentinos

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Um avião franco recebeu por Alfonso XIII

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Os excoeritos paraguaios empreenderão amanhã o ataque ao par amigo

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Cinco centavos para deixar ver o tumulto de Casus

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Está gravemente enferma a filha de Lloyd George

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Uma expansão comercial da Grã-Bretanha

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Um gravíssimo conflito em Florença, entre dois grupos fascistas

FLORENÇA, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Os alemães querem paz

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Um movimento subversivo no México

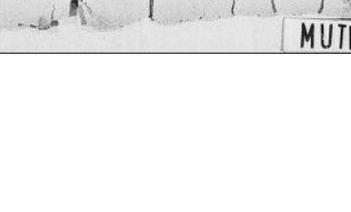
MEXICO, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Porque fracassaram as negociações do capitão Gordon Cunningham

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.

Anunciou seu suicídio

PARIS, 7 (Austria). — O ministro das Relações Exteriores, Dr. Horthy, declarou hoje que a situação política da Hungria é extremamente grave e que a situação econômica é igualmente crítica.



MUTILADO ILEGIVEL

Referência 58

- Lance! – edição do dia 26 de janeiro de 2013 – Referência 57

NO OLHEIRO: SÁBADO, 26 DE JANEIRO DE 2013 - R\$ 1,50 - ANO 35 www.lancenet.com.br

PROMOÇÃO BANDEIRA DE VESTIR

Vista a bandeira do seu time e mostre sua paixão. 15 selos = R\$ 19,90 = Bandeira de vestir do seu time + produto editorial. Participe! PÁGS. 15 A 17

CARTELA E 1º SELO 29/1, TERÇA-FEIRA

PROMOÇÃO LANCE! BANDEIRA DE VESTIR



15 ANOS



LANCE! o diário das esperanças



Vale tudo isso?

Carlos Eduardo chega e receberá cerca de R\$ 500 mil no Fla PÁGS. 12 A 14



Clássico da paz

Jogo servirá para acalmar ânimos para Libertadores, no Fla, e crise por Loco Abreu no Bota PÁGS. 8 E 7



Seedorf treina e vai para o clássico. Edilson é apresentado PÁGS. 8 A 5

Nem ganha elogios após grande atuação e Abel prevê excelente ano PÁGS. 10 E 11



O Santos derrotou Goiás e conquista título de Copa São Paulo PÁGS. 11



Vasco muda de parceiro e impede saída do ídolo Dedé para o Timão

Dedé não sairá por menos de R\$ 27 milhões

Clube pega Resende tentando se manter 100% no Carioca PÁGS. 18 A 20



CHUPA, CORINTHIANS!

Referência 60

- *Lance!* – edição do dia 24 de maio de 2012 – Referência 59



Referência 86

- *Sport Bladet* – Edição do dia 14 de outubro de 2006 – Referência 83

**SPORT
BLADET**

SPEL
Tips & trav De
Sportbladets exp

MÅI för mål idag
FOTBOLL: Slovakien

Bostad
TjänsterNy

ViktKlubb.se
DU HAR VELJAN - VI HAR BEITEN

MÖTES-
PLATSEN

Telef
adre

Fotboll ▶ Italien

Publicerad: 2006-10-14 Skriv ut  Textstorlek: 1 2



ILKEN RÖKARE På planen har det gått tungt för Inters Adriano – vid sidan av Zlatan är anfallskamrat desto mer avslappnad. Foto: AFTONBLADET & B

08:43 SENASTE
NYTT

Referência 92

Jornal O Dia – Edição do dia 31 de maio de 2010

MATURIDADE
Sexualidade entre idosos é tema de oficina em Casas de Convivência da prefeitura

O DIA

Enciclopédia
VOLUME 1
CURSIVA
R\$1,20

ARY CARVALHO (034-2003) | SEGUNDA-FEIRA, 31/05/2010 | ANO 59 | Nº 21.367 | 1ª Edição | www.odia.com.br

ADRIANO SUSPEITO DE LIGAÇÃO COM BANDO QUE DERRUBOU HELICÓPTERO DA POLÍCIA

Jogador foi intimado a depor hoje na 38ª DP para esclarecer supostas transações financeiras com a quadrilha de Fabiano Atanásio da Silva, o FB, chefe do tráfico na Vila Cruzeiro e acusado de atirar contra um helicóptero, matando 3 policiais. P. 12

FOTOS POLÊMICAS

A Polícia Civil vai investigar duas fotos de Adriano. Numa, ele posa de atirador; na outra, faz com as mãos a sigla de uma facção criminosa. Procurada pelo O Dia, a assessoria do jogador informou que as fotos foram tiradas em Milão, a arma é de paintball e que o 'CV' é uma brincadeira.



- Jornal Extra – Edição do dia 10 de Junho de 2012

INFORMAÇÃO

extra.globo.com

EXTRA

PRIMEIRA EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO
TERÇA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 2012
ANO XV
NÚMERO 5710

R\$ 1,10

JOGO EXTRA

Adriano troca tratamento por farra na favela

Imperador só foi a uma sessão de fisioterapia semana passada. Mas varou a madrugada no Tuiuti

BOTAFOGO
Herrera tem oferta dos árabes. Loco Abreu pensa em ir embora

CRAQUE DO FLU
Passes para gols levam Deco ao topo das estatísticas do Brasileiro



ANEXO 2 - ENTREVISTAS

Referência 50

- Eduardo Peixoto, chefe de reportagem do site *Globoesporte.com*

1) Você acredita que ainda haja um bairrismo entre a imprensa carioca e paulista?

Creio que o bairrismo diminui ano a ano e está restrito a poucos e caricatos profissionais. A internet (e as redes sociais) encurta e dificulta essa figura. Nas décadas passadas o que era dito/publicado em São Paulo dificilmente chegava ao Rio de Janeiro e vice-versa. Agora é tudo instantâneo e o jornalista bairrista (salvo raras exceções) cai em descrédito. Só que há muita confusão entre bairrismo e cobertura regional. É normal que o setorista de Corinthians, por exemplo, escreva pensando no torcedor corintiano.

2) Você vê alguma grande diferença na forma da imprensa do Rio e SP realizarem suas coberturas esportivas?

Vejo uma diferença, sim. A imprensa carioca tem uma cultura de cobrir o jogador como celebridade. Como tal, tudo o que ele faz, seja dentro ou fora do campo, importa. É um conceito polêmico, mas, dependendo da argumentação, correto. Exemplificando com o Adriano. Em 2008, ele esteve no São Paulo e, aos olhos da imprensa paulista, estava em franca reabilitação fazendo gols, em forma, etc. No ano seguinte, "aposentou-se" provisoriamente por problemas psicológicos. Quando voltou ao Flamengo, teve um monitoramento constante dos jornalistas cariocas. Notou-se que o atacante exagerava no álcool, nas noitadas e faltava semanalmente aos treinos. Ou seja: o comportamento fora de campo influenciava no dia a dia no trabalho. Depois, no auge da discussão sobre os problemas dele, um ex-dirigente do São Paulo revelou que escondeu várias faltas do Imperador durante a passagem pelo Morumbi. Ou seja: na minha opinião, os setoristas de São Paulo que não souberam (ou não quiseram) divulgar a informação cometeram um erro de apuração.

3) A que você atribui essa rivalidade entre a imprensa carioca e paulista?

A rivalidade é normal e reflexo da disputa acirrada entre Rio e São Paulo em vários segmentos e não só no futebol. Para dialogar com o público que os interessa, os veículos paulistas tentam provar de que o Corinthians é a maior potência do país, o São Paulo o mais vitorioso e por aí vai. Por outro lado, a imprensa carioca tem interesse em defender o status de clube mais popular do Flamengo, a tradição do Fluminense. O problema é que

para defender os seus clubes ocorrem em erros básicos de apuração. O Flamengo, desde 2013, chama a atenção pela correção no pagamento de salários, mas parte da imprensa paulista segue, para desmerecê-lo, batendo na tecla de clube caloteiro.

4) Acredita que houve alguma diferença no tratamento da imprensa ao jogador Adriano durante a passagem dele por Flamengo e Corinthians?

Sim, houve diferença tanto no tratamento da imprensa quanto dos torcedores do Corinthians. O Adriano é um caso típico de jogador "glamourizado" no Rio de Janeiro e cuja aura de "estrela" a imprensa paulista não compra. O noticiário paulista é conhecidamente mais sisudo. O principal jornal paulista - Folha de S. Paulo - tem como tradição manchetes frias e diretas. Aqui no Rio, os jornais populares - Extra e Meia Hora - e os sites exploraram a imagem de "Imperador" e isso significava patrulhamento 24 horas por dia em busca de manchetes. De tanto os veículos fuçarem, o atacante deixou de ser um personagem esportivo e de fofoca e parou nas páginas policiais. Na audiência isso também se refletiu. O Adriano do Flamengo foi muito mais atrativo e gerou muito mais interesse do que o Adriano do Corinthians.

Referência 55

- Marcos Eduardo Neves, autor da biografia *Nunca houve um homem como Heleno*

1) Você vê alguma semelhança entre o Heleno e o Adriano?

Vejo semelhanças e diferenças. Nas semelhanças, Heleno e Adriano foram estrelas do futebol brasileiro, goleadores, astros de primeira grandeza nos clubes por que passaram e também na seleção brasileira. Além disso, tiveram problemas extracampo que afetaram o rumo de suas trajetórias. De diferente, Adriano teve a chance de jogar uma Copa do Mundo e desperdiçou outras. Heleno não teve essa chance. Outra diferença é que Adriano segue o padrão clássico do jogador de futebol brasileiro, que vem de família pobre e ascende por seu talento com a bola. O Heleno não. Ele nasceu em berço de ouro e não precisaria do futebol para ascender profissionalmente.

2) Durante a sua pesquisa, percebeu algo de diferente no tratamento da imprensa ao Heleno naquela época em que o jornalismo esportivo começava a ganhar forma?

Nos anos 40, Heleno era o queridinho da imprensa, mas por razões diferentes das de Adriano. Adriano, praticamente, fala com os pés. Ou falava. Heleno, não. Ele falava com propriedade, por lia muito, era intelectualmente diferenciado. E por ser craque, era admirado pelos homens. Também por ser de boa família e boa pinta, era alvo de interesse das mulheres. Por isso, não só a mídia esportiva, mas as de comportamento e fofocas se interessavam muito por Heleno.

3) Como você analisa o comportamento e tratamento da imprensa esportiva carioca e paulista (tanto naquela época quanto atualmente, entender se algo mudou) com os jogadores de destaque?

Essa resposta se condiciona à anterior. A imprensa carioca tende a endeusar seus astros e pseudo-craques. A mídia paulista faz isso com os dela. Assim, muitas vezes a imprensa paulista gostaria de ver algum artilheiro do futebol paulista no lugar de Heleno, em jogos da seleção em São Paulo. A mesma coisa ocorria no Rio. Exemplo disso foi a Copa do Mundo de 1950. No jogo da seleção em SP, um time mais paulista. Nos do Maracanã, a base vascaína.

4) Acredita que hoje em dia ainda exista um bairrismo?

O bairrismo sempre existiu, desde a Copa de 30, a primeira que houve. Se você pesquisar, vai ver detalhes sórdidos na escalação e convocação dessa equipe. Não foi uma seleção brasileira, pesquise sobre isso. Depois, houve tempo em que o Paulo Cesar Caju jogava em SP e era variadíssimo. Aqui no Rio, a mesma coisa: Garrincha não foi escalado em 1959 e Julinho Botelho calou o Maracanã que o hostilizava fazendo gols. Rio e São Paulo são bairristas, assim como o Rio Grande do Sul é, Minas Gerais é, uns mais e outros menos. Mas todos são. Foram, são e sempre serão. Porque cada um tende a olhar para o seu umbigo e o que se vê todo dia soa mais "real" do que o que se vê por tv ou internet vez ou outra.

Referência 57

- **Diego Ortiz, editor do Jornal do Carro Online**

1) Como foi essa mudança do Rio de Janeiro para São Paulo

Eu recebi um proposta para vir trabalhar no Jornal do Carro do Estadão, uma referência no segmento automotivo onde atuo, e aceitei. Foi apenas uma migração profissional. Não sofri preconceito algum, na verdade, a pergunta que mais escuto é porque troquei o Rio por São Paulo. O paulistano odeia amar o Rio, enquanto o carioca ama odiar São Paulo rs.

2) Como você analisa a cobertura das duas cidades? Sentiu alguma diferença em relação à forma cobrir os fatos?

A cobertura dos assuntos em São Paulo sempre tem uma conotação mais política, enquanto que no Rio ela é mais sensacionalista. Como há dois grandes jornais na cidade (Estadão e Folha), algo que não acontece com o Rio, que só o tem O Globo, a procura por furos e por fazer uma cobertura econômica e política é maior. Há também a falta do humor carioca em todo o jornalismo. Paulistanos são mais sérios, formais, e isso se reflete em seus textos, sempre corretos, mas na maioria das vezes sem charme.

3) Vê o bairrismo presente nas redações?

Não vejo bairrismo. Na verdade, o que ocorre é que, como as publicações são muito centralizadas na capital, pouca coisa do que acontece em outros estados interessa. A cobertura sobre o Rio, por exemplo, só acontece quando há algo de muita repercussão. Mas no O Globo, O Dia e Extra também é assim.

4) Atualmente, onde é mais vantajoso trabalhar?

É muito mais vantajoso trabalhar em São Paulo. Os salários são maiores, os veículos têm mais estrutura e há muito mais vagas para os profissionais aqui.

ANEXO III – DOCUMENTOS

Referência 22

- Ofício do presidente do Vasco da Gama enviado à Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924

Ofício no. 261

Exmo. Sr. Arnaldo Guinle, M.D. presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos.

As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Club de Regatas Vasco da Gama em tal situação de inferioridade que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma como será exercido o direito de discussão e voto, e as futuras classificações, obriga-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto a condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se a AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias.

Nestes termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA.

Queira V. Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de quem tem a honra de se subscrever de V. Exa. Att. Obrigado.

Dr. José Augusto Prestes

Presidente

